BIBLIOTHECA DO POVO

E DAS ESCOLAS (n)

CADA VOLUME 50 RÉIS

ARMARIA

ILLUSTRADA COM 70 FIGURAS

QUINTO ANNO — DECIMA-TERCEIRA SERIE

Cada volume abrange 64 paginas, de composição cheia, edição estereotypada, — e fórma um tratado elementar completo n'algum ramo de sciencias, artes ou industrias, um florilegio litterario, ou um aggregado de conhecimentos uteis e indispensaveis, expostos por fórma succinta e concisa, mas clara, despretenciosa, popular, ao alcance de todas as intelligencias.

CADA VOLUME 50 REIS

[Lisboa]

1885

DAVID CORAZZI, EDITOR

IMPRESA HORAS ROMANTICAS

Premiada com medalha de oiro na Exposição do Rio de Janeiro

Administração: 40, R. da Atalaya, 52, Lisboa

Filial no Brazil: 38, R. da Quitanda Rio de Janeiro

INDICE

ADDENDA & CORRIGENDA

Pag.	Linha	Onde se lê	Leia-se
15	24	*gambesou*	*gambeson*
»	26	acolcheado tambem e transformado porêm	acolchoado tambem e transformado
19	10	*cotovelleira*	*cotovelleira*
24	16	Era uma especie de ferro fortemente colossal	Era uma especie de cutélo de fórma complexa
26	9	*alleret*	*allcret*
28	17	*laureis*	*laudeis*
29	1	*babeira*	*babeira* ou *baveira*
31	27	geneta	gineta
»	43	*laudel.*	*laudel.* Diogo de Couto chama-lhe *coura de laminas.*
36	9	canneleiras	canneluras
»	»	as espaldeiras-cotovelleiras,	as espaldeiras, as cotovelleiras,
39	13	a espada de mãos ambas.	a espada de mãos ambas, que em Portugal conservou até aos fins do seculo XVI o nome de *montante* e de *espada colubrina.*
»	17	escudo das licções	escudo das liças
»	20	bordada de metal	bardada de metal
44	32	*cabasset*	*cabasset,*
45	5	classicas	classicas,
48	21 a 22	*paragonium*	*parazonium*
»	25	*malchus*	*malchus* ou *terçado*
51	8	*columbrina* de mão	*columbrina* de mão (corrupção de *colubrina*)

Typ. das Horas Romanticas, Rua da Atalaya, 40 a 52 — Lisboa

ARMARIA

INTRODUCÇÃO

Quando, no meiado do seculo em que vivemos, as attenções dos antiquarios e dos artistas começaram a dirigir-se para o estudo das artes e das sciencias da Edade-Média, mutiplicando por quasi toda a Europa civilizada essa ininterrupta serie de investigações tão importantes e em geral tão ferteis em resultados,— foi, entre todas as especialidades artisticas, a *Armaria* (sciencia do armeiro e do alfageme) (*) aquella cujo estudo permaneceu em maior atrazo.

Reinava, ainda ha trinta annos, a maxima confusão n'este ramo da arte; e a maior parte das classificações (mesmo de especialistas que n'essa epocha foram considerados arbitros infalliveis), empiricas, e irrisorias por vezes, continuaram (quasi até aos nossos dias) a desnortear mais do que a instruir, quer o artista, quer o amador, que incautos se imbrenhassem por entre esses dédalos de imposturas, de fabulas e de anachronismos, labyrinthos inextricaveis a que pomposamente se dava o titulo de *museus de armas antigas.*

(*) O vocabulo *Armaria* serve tanto para designar a «sciencia do armeiro e do alfageme,» como para designar a sciencia do brazão.» A *Bibliotheca do Povo e das Escolas* emprega aqui o vocabulo na primeira accepção, preferindo usar do termo *Heraldica* para a segunda (assumpto que a seu tempo será tratado em volume especial da nossa collecção de livrinhos). Tambem a palavra *armaria* é por vezes empregada para designar «museu ou collecção d'armas».

Diversas causas concorriam para alimentar esta anarchica situação, avultando entre ellas a falta de conhecimentos exactos ácêrca da *indumentaria* (ou sciencia dos trajos e alfaias do corpo) — arte que as mais das vezes é a chave da verdadeira classificação das armas defensivas ou armaduras, porque (ainda que á primeira vista o observador pouco experiente nem sempre o distinga) as armaduras obedecem em geral ás fórmas dos trajos usados nos periodos em que foram feitas, participando mesmo d'essas fórmas em muitos casos.

Não apresentava menor imbaraço ao classificador a exuberancia de lendas e fabulas que andavam ligadas, tanto nos museus como nas collecções particulares de maior nota, ás peças principaes e de mais vulto, — lendas, forjadas umas vezes no intuito de se lhes exaggerar a importancia (como se uma reliquia artistica do passado necessitasse de artificios pueris para merecer a attenção do sabio ou do artista), e outras, com o fim de se lisonjear a vaidade (quer nacional, quer de campanario) fazendo figurar certas armas como testemunhas de pelejas e façanhas, passadas muitas vezes em epochas bem diversas e afastadas, e contra as quaes protestavam em vão a configuração e o caracter historico d'essas mesmas armas!

Entram tambem, e por muito, em linha de conta as imposturas inventadas com o fim de surprehender a boa fé do colleccionador enthusiasta e inexperiente. Ora, sabe-se que, — se a vaidade lisonjeada é facil de convencer, — a luz da verdade, quando fere o amor proprio incontra com frequencia olhos cegos, o que faz com que mesmo hoje (posto se tenha operado progresso rapido nos conhecimentos relativos ao ramo artistico que nos propomos tratar) as classificações serias, mas modestas, incontrem ainda resistencias obstinadas, sempre que vão de incontro a essas fabulas e imposturas.

Cabe aqui tambem alguma censura aos litteratos, poetas, e artistas coevos da evolução romantica do nosso seculo, — os quaes, n'esse periodo de enthusiasmo inconsiderado, filho da reacção que no meiado do seculo XIX se operou em favor da arte medieval, se puzeram, tanto nos livros como nas télas, nas esculpturas e até no theatro, a celebrar a torto e a direito esses terriveis cavalleiros *cobertos de ferro*, as *pezadas armaduras*, os *elmos* e *montantes*, etc., confundindo tudo, misturando epochas, e firmando com a sua auctoridade meramente litteraria a consagração do anachronismo!

Haverá, porêm, uns vinte annos, que de subito se operou uma reacção em favor da Armaria. Para esta se voltaram as attenções de alguns investigadores serios e conscienciosos, —

avultando entre elles o celebre colleccionador inglez Meyrick, Hewitt (auctor do catalogo da armaria da Torre de Londres), Halteneck (especialista allemão), e os eruditos francezes Penguilly L'Haridon (director do Museu de Artilheria de Paris) e Henrique Demmin (encyclopedista afamado a quem coube a honra de fixar os processos de estudo comparativo, imprimindo ás investigações uma direcção mais práctica e mais methodica, no seu excellente livro — *Guia do amador d'armas antigas).* O livro de Demmin, traduzido nas principaes linguas da Europa, e publicado simultaneamente em diversos paizes logo na data da sua apparição, é ainda hoje considerado a melhor recopilação existente; a elle nos soccorreremos com frequencia.

Graças aos esforços reunidos d'estas competentes auctoridades, reformaram-se, ou estão-se reformando, os catalogos dos principaes museus da Europa, dissipadas por uma vez as trevas que involviam esta importante secção artistica, que nos ultimos periodos ogivaes e inicios do Renascimento assumiu tamanhas proporções e deu logar a tantas e tão perfeitas manifestações do ingenho artistico das gerações que nos precederam.

O apparecimento da *arma de fogo* trouxe a decadencia da *armadura,* e restringiu pouco a pouco o uso da *arma branca;* o *espingardeiro* supplantou o *armeiro* e o *alfageme;* e o desinvolvimento da *artilheria* deu o golpe final nas *armas artisticas.*

A decadencia das armas de corpo, ou *armas defensivas,* antecipa-se muito, comtudo, á das *armas offensivas;* e nos seus periodos agonisantes (isto é, desde o meiado do seculo XVII ao meiado do seculo XVIII, — a epocha, nefasta para as artes, da peruca de martello e do rabicho) a armadura, da qual gradualmente se foram supprimindo e pondo de parte peças componentes, tornou-se pezada, feia, e até ridicula e grotesca.

Posto que (como dissémos) as armas offensivas resistissem mais, e se inventassem ainda em pleno seculo XVII fórmas artisticas e graciosas (principalmente em espadas e punhaes), o seculo XVIII quasi que só nos legou typos banaes e pouco interessantes. Emquanto ao nosso seculo, n'esse (com raras excepções) tem-se attendido sempre mais ao lado práctico e ao uso e manejo commodo da arma do que ao seu caracter esthetico, ficando portanto os seus productos fóra do dominio da arte.

Em Portugal, comquanto se tenha desinvolvido ultimamente um pouco mais o gosto pelas especialidades diversas da

arte antiga, ainda se não incetaram estudos serios ácêrca da Armaria. Offerecem estes, entre nós, pela falta de subsidios, grandes difficuldades; não temos pois a pretenção (aliás incompativel com a indole e a dimensão d'estes livrinhos) de apresentar ao publico um desinvolvidissimo tratado; e contentar-nos-hemos em ministrar ao leitor as noções sufficientes para lhe dar um conhecimento geral d'esta interessante especialidade e das suas evoluções periodicas, chronologicamente observadas, as quaes tanto avultam em importancia entre os ramos que constituem a parte picturesca da Historia, indispensavel para o conhecimento dos costumes e viver intimo dos povos, sem o qual ficaria muitas vezes incompleta a comprehensão de um sem numero de factos historicos.

ELEMENTOS PARA O ESTUDO DA ARMARIA. MUSEUS. MANUSCRIPTOS. CODICES. ETC.

As principaes fontes de estudo para o amador ou colleccionador de armas, são: — os museus, as arrecadações ou arsenaes, e as collecções ou repositorios particulares, hoje (como já dissémos) reformados pela maior parte e expurgados quer dos erros de classificação quer dos restauros empiricos e das contrafacções; os manuscriptos antigos e codices de illuminuras dos periodos medievaes e ogivaes; as series de estampas ou gravuras da epocha do renascimento classico, reproducções dos desenhos de artistas eximios destinados a fornecer aos armeiros e alfagemes debuxos preparatorios para os seus trabalhos.

E' mistér, todavia, muita reflexão e não menos discernimento na observação d'estes documentos, dos quaes nem todos se podem tomar a serio por varios motivos que exporemos em seguida.

Em primeiro logar, esses desenhos, imbora admiraveis na sua generalidade, nem sempre corresponderiam ás condições praticas indispensaveis, e portanto nem sempre seriam postos em execução.

Depois é tambem necessario, d'entre as illuminuras dos codices, extremar as phantasias pessoaes dos artistas, as pretenções d'estes em dictar o gosto á sua epocha, e as tentativas pueris e balbuciantes de reconstrucção archeologica das armas da Antiguidade classica, que por vezes se incontram nos trabalhos dos illuministas dos periodos decadentes da

arte ogival, principalmente entre os fins do seculo xv e os meiados do seculo xvi,—periodo em que as attenções e os estudos se foram dirigindo progressivamente para a leitura dos classicos e para a observação dos monumentos da arte grega e romana.

As narrações dos chronistas, os roes dos antigos armazens das armas e dos fornecimentos das mesmas para impresas marciaes, a pintura, a esculptura, a estatuaria architectonica e tumular (notoriamente esta ultima), a tapeçaria, e finalmente todas as artes sumptuarias, desde o começo da Edade-Média até ao Renascimento, fornecem outros tantos elementos de importancia maxima para o investigador em assumptos de Armaria.

E' aliás indispensavel (e sem isto não ha conhecimento profundo, nem classificação segura) penetrar bem a historia do progresso da serralheria, da esculptura, e da gravura em metaes, tanto no que toca á parte artistica, como no que diz respeito á parte mechanica,—porque, não menos do que ao periodo historico indicado pela configuração e pormenores de uma arma ou armadura, ha que attender á maneira como estiver trabalhada: a data approximativa da existencia da peça de ferramenta, empregada no afeiçoamento de uma arma qualquer, é, para a sua authenticação ou classificação chronologica, de tanta importancia como a marca de fabrico ou a sigla do armeiro ou alfageme (*).

São estes, em resumo, os preliminares geraes necessarios para adquirir conhecimento cabal da especialidade que n'este livrinho tratamos.

Passaremos, em seguida, breve revista pelos museus e collecções, apontando em resumo a sua historia e origens.

As armas para fornecimentos das hostes ou exercitos, constituiram (como é facil de suppôr) o nucleo dos principaes arsenaes-museus nos paizes em que estes existem.

Data do principio do Renascimento o gosto pelas recopilações de armas antigas, raras, e exoticas; e remonta a esse

(*) Estas siglas ou marcas e monogrammas são hoje na sua maior parte conhecidos,— e acham-se recopilados em catalogo respectivo na obra já citada de Demmin, á qual servem de appendice.

periodo a existencia de varias collecções, entre as quaes algumas adquiriram merecida celebridade.

Luiz XII de França tinha já em 1502 um *Gabinete de armas* contendo exemplares raros e valiosos.

Em Dresde o Museu, hoje existente, deve os principaes objectos que possue á collecção começada no seculo XVI por Henrique o *Piedoso* e ampliada mais tarde por Augusto I (1553 1556).

O Marechal Strozzi, celebre nos annaes da historia militar e o mesmo que em serviço do nosso Prior do Crato (pretendente á corôa de Portugal) perdeu a vida nas aguas dos Açores, legou a seu filho uma importante collecção de armas.

A collecção de Ambras (em Vienna d'Austria), uma das mais ricas da Europa, data de 1570, e teve por fundador Fernando I. Existem n'ella tres volumes contendo as celebres aguarellas de Glockentorm, que constam de modelos para armas e armaduras. Vienna possue, alêm d'esta, mais duas collecções vastissimas: o *Arsenal da cidade* e o *Arsenal da artilheria* (tendo sido este ultimo accrescentado com o *Gabinete de armas dos Imperadores,* a cujo conservador H. Leitner se deve um catalogo que passa por modêlo no seu genero).

A Inglaterra (alêm de muitas collecções particulares e museus secundarios) possue a vastissima collecção da *Torre de Londres* (a maior das que existem), e o *Museu Llewelyn Hewett* (um dos mais completos).

A *Torre de Londres* (onde, já de antigas datas, havia um arsenal organizado) foi em 1630 transformada em *Museu,* formando-se alli o nucleo da collecção com as armas que se puderam salvar das pilhagens e tomadias practicadas durante as guerras civis e de religião.

A classificação d'essas armas foi começada já nos nossos dias pelo erudito doutor Meyrick e acabada por J. Hewett que publicou um excellente catalogo.

O *Museu de Artilheria* de Paris foi fundado em 1788; e, apezar das vicissitudes por que o fizeram passar as differentes revoluções, contêm hoje cêrca de 6:000 exemplares de armaria em todos os generos e especialidades; foi classificado e ordenado de novo e ficou sendo dirigido por Penguilly L'Haridon, uma das maiores competencias em armaria.

Deveu-se isto á iniciativa de Napoleão III, que fundou tambem n'essa epocha o esplendido Museu dos Soberanos (riquissimo em exemplares artisticos) e a sua collecção particular no castello restaurado de Pierrefonds. Esse imperador possuia

largos conhecimentos em armaria; e o progresso d'esta sciencia deve lhe alguns serviços.

Berlin possue um bom museu.

E' tambem importante o de Turim que foi fundado por Carlos Alberto em 1833.

O de Milão contêm exemplares formosos e raros; e existem n'essa cidade collecções particulares.

Recommenda-se o de Munich pela sua optima disposição, e é um d'aquelles onde melhor se podem seguir as evoluções chronologicas da Armaria.

Rivaliza com este o de Sigmaringem.

Posto que mais resumidos, são considerados bons os de Stockholmo e o de Copenhagen.

São notaveis entre todos o *Museu de Tsarkoë-Selo* (em S. Petersburgo) e a *Armaria Real* (de Madrid),— ambos, comtudo, mais pela grande raridade, riqueza e valor historico dos exemplares que incerram, do que pela classificação que em ambos deixa a desejar, principalmente no de Madrid (*).

Os cantões da Suissa teem varios museus, que são (ao que parece) os de data mais remota. Mas reina ainda na maior parte d'elles uma tal ou qual confusão; e não incerram tantos exemplares antigos quantos era de esperar, attenta a sua antiga origem.

A Hollanda é relativamente pobre tanto em museus de armas como em armaria.

E' bastante numerosa e está em boa ordem a collecção de Bruxellas, cuja installação é no *Museu da «Porte du Hall»*.

Em Portugal, existe, reunida no Arsenal Militar de Lisboa, uma collecção (aliás bastante incompleta e pobrissima em armaduras e armas raras). *Museu da Direcção Geral d'Artilheria* se intitula officialmente essa repartição.

Varias causas existem ou existiram que concorreram para a deficiencia de armas notoria no nosso paiz.

O uso da armadura, e por consequencia o de certas armas brancas inventadas para lhe neutralizar a efficacia da defesa, nunca se generalizou tanto entre as nações da Europa meridional como entre os povos do Norte.

As boas armaduras eram caras; carissimas, as que eram

(*) A *Armaria* de Madrid, que ha poucos mezes foi devastada por um incendio, estava-se ordenando e catalogando de novo (segundo nos informou pessoa fidedigna); e procedia-se a estes trabalhos com a maxima consciencia. Parece felizmente que o incendio não causou tantas perdas como era de recear. E fala-se já na reconstrucção do edificio em condições mais dignas não só dos thesouros que incerra, como da capital da Hespanha.

artisticamente trabalhadas; e ha exemplo de se pagarem armas por preços loucos, durante o periodo do ingodo da armadura (isto é, entre os fins do seculo XV e os do seculo XVI approximadamente).

Portugal não foi rico até ao seculo XVI; e, d'essa epocha até á nossa decadencia, pelejámos quasi sempre em climas ardentes, debaixo de cujo sol as armas defensivas deviam por vezes tornar-se insupportaveis. Comtudo, deprehende-se dos roes dos armamentos e armazens (principalmente do tempo de El-Rei D. Manuel) que o *Armazem* ou *Arsenal das armas* dos *Paços da Ribeira* era uma collecção de relativa importancia,—cuja riqueza (attentas as razões que expuzémos) consistiria principalmente em peças de justa, de torneio, ou de apparato.

Ha aliás noticia da existencia de varias collecções em Lisboa (antes do terremoto de 1755),—parecendo ter sido notavel entre todas a do Palacio dos Condes da Ericeira.

Consta pelos escriptores coevos que no reinado de D. Sebastião houve bastante difficuldade em reunir armaduras e armas sufficientes para o municiamento da expedição a Marrocos; ninguem ignora o desastrado fim d'esta expedição e suas consequencias,—e é de suppôr que as armas, que não ficassem por lá em poder do inimigo, fôssem mais tarde na maxima parte vendidas, juntamente com outras alfaias valiosas, afim de apurar meios para o resgate de captivos.

O Arsenal dos Paços da Ribeira foi muito dizimado durante a usurpação dos Filippes, e transportadas para Madrid as suas melhores e mais ricas peças, as quaes ou seriam armas de torneio, ou objectos que por muito antiquados e fóra de uso não se pudéram utilizar para a impresa de Marrocos.

Depois da Restauração de Portugal, e durante a defesa do reino contra as armas hespanholas, houve uma lucta constante em reunir aprestos e fornecimentos de armas; é de suppôr (comquanto o uso da armadura n'essa epocha estivesse muito simplificado e muito transformadas ellas no seu aspecto e fórma geral) se accommodassem ao geito da epocha todas as armas que se achassem em estado aproveitavel,—o que se collige da uniformidade de caracter das peças de armadura que ainda hoje se incontram e que quasi todas pertencem ao periodo acima indicado. Mais tarde a armadura cai em absoluto desuso e é votada ao desprezo pelos homens do rabicho,—geração do maneirismo e do gosto affectado; e comprehende-se que se deixasse durante a invasão franceza, saquear o pouco que restava, quer pelo exercito invasor, quer

pelos auxiliares inglezes (que de certo se não fariam rogar, pois em Inglaterra já se começava a generalizar o gosto pelas armas antigas).

Citámos já,—como fontes de consulta para o estudo da especialidade de que tratamos,—os manuscriptos, codices, etc. (cuja menção circumstanciada sería, sobre incompativel com a dimensão d'este opusculo, quasi inutil, visto que os elementos de estudo que esses documentos incerram se acham hoje recopilados em abundantes tratados e publicações iconographicas). Aconselharemos todavia ao leitor entre muitas os *Estudos ácêrca da Edade-Média e da Renascença* por Fernando Seré e Paulo Lacroix; a *Encyclopedia de artes plasticas*, de Demmin; o *Tratado ácêrca da armaria antiga*, de Fairholt,—e todas as mais que eventualmente nos occorra mencionar no andamento d'este escripto por serem mais conhecidas, abundarem mais nas bibliothecas publicas, e merecerem mais credito — visto que tambem entre os livros didacticos nem sempre é facil extremar o trigo do joio (ha infelizmente ainda quem faça obras d'este genero, só pelos livros e sem analyse madura dos objectos, perpetuando assim certos erros que acabam por adquirir fóros de verdades consagradas).

A guerrilha dos compiladores levianos e rapsodistas é uma das peores pragas tanto no campo das sciencias como no das artes!

PERIODO MEDIEVAL OU DESDE O PRINCIPIO DA EDADE-MÉDIA ATÉ AO SECULO XIII

A rudeza em que cahiram os costumes pela invasão dos Barbaros, torna obscuros os primeiros periodos da Edade-Média; as poucas noticias incontradas nos escassos documentos d'essas eras, provam apenas a que ponto estavam esquecidas as tradições da civilização romana.

O armamento dos Barbaros invasores e dominadores da Europa foi rude e imperfeitissimo,—e portanto, para nós, quasi destituido de interesse artistico.

O couro crú e a sola formavam ainda a base da armadura do senhor ou rico homem no seculo VIII e mesmo no seculo X:

— consistia esta em uma especie de tunica, feita de camadas sobrepostas de téla grossa, descendo até quasi á altura do joelho, e cujas mangas não passavam do sangradouro, sobre a qual se applicava uma rêde de tiras de couro crú, cruzando-se em losangos, cujos intervallos se reforçaram por meio de prégos ou tachas de grandes cabeças semi-esphericas: é a fórma primitiva da *loriga* (do latim *lorica)* ou *lorega tachonada.*

Mais tarde as tachas desapparecem e os intervallos da rêde de couro são pre-enchidos com laminas de ferro tambem em losango aparafusados na téla. E' o que, na falta de termo apropriado, se póde chamar *lorega bardada.*

Os peões usaram tambem uma loriga feita de lóros ou correias entretecidas, que só abandonaram em pleno seculo XIV.

Ha uma variante, que se suppõe mais recente, e que consistia em fixar sobre couro ou téla grossa, estofada ou estopada, innumeros anneis de ferro, umas vezes postos a par, outras vezes formando por sobreposição parcial uma especie de incadeamento afim de tornar mais efficaz a defesa do corpo. Era a *lorega annelada.*

Simultaneamente com estes artificios defensivos incontra-se, nos raros manuscriptos com illuminuras que restam d'essa epocha, a representação de certas loregas, cótas, ou corpetes mais justos ao corpo e descendo até ás côxas, cobertos ou feitos de escamas sobrepostas em parte; esta fórma apparece repetida em epocha muito posterior nos *jazzerans* e *korazans* da Polonia e da Hungria. A *lorega de escamas* parece ter sido uma arma defensiva só usada pelos povos do norte da Europa.

A cabeça do guerreiro era defendida pelo *capacete* (*), as mais das vezes pyramidal e sempre com tendencia cónica, o qual, do seculo X até ao seculo XI, se prolongava para a parte anterior da cabeça formando *guarda-nuca*, e descendo-lhe na frente uma protuberancia até á altura da ponta do nariz, para defender os golpes á cara. E' o que se denominou *capacete de nasal.* A elaboração d'estas armas era tôsca: não eram inteiriças, compunham-se de laminas de ferro sobrepostas e unidas com prégos.

N'esse periodo remoto as pernas e os pés do guerreiro, pa-

(*) Acceitamos com certa reserva este vocabulo como termo generico para as armas defensivas da cabeça, por motivos que o leitor adeante achará expostos em logar competente.

rece terem tido por unica defesa um inleio de estreitas faixas de couro. A mão e parte do braço ficavam indefesos.

O escudo, ou broquel, de madeira leve, já forrado de couro ou de sola, já reforçado por tiras ou cruzetas de ferro, e tachonado de prégos, variou muito na sua configuração geral: — era redondo, quadrado, ou oblongo, até ao seculo x; assumiu a disposição de triangulo acutangulo no seculo xi; mas foi sempre convexo e muito grande (escudo houve que por suas enormes dimensões chegou a cobrir o cavalleiro, dos pés á cabeça); era evidentemente destinado a supprir a imperfeição da armadura.

Nos principios do seculo xi apparecem-nos já representadas em documentos algumas loregas com um capuz do mesmo genero d'ellas, que cinge o pescoço e a cabeça do guerreiro, e sobre o qual assenta o capacete de nasal.

Outra variante da lorega se incontra em algumas illuminuras e tapeçarias: era como um corpete de meias mangas com as calças altas ou bragas adherentes, cuja superficie parece no emtanto apresentar o revestimento defensivo das loregas já descriptas. Obedecia esta variante á forma do vestido ou roupa de tronco muito usada n'essa epocha (*).

São tambem da mesma epocha alguns exemplares de capacetes, cuja fôrma se nos apresenta redonda e baixa e outras vezes oval e bastante elevada, ou com fórmas intermedias a estas.

Similhantes loregas ou cótas, — que eram a armadura privilegiada do fidalgo ou rico-homem (pois que do armamento defensivo do peão dizem-nos pouco os documentos d'essas eras), — comquanto resistissem ás cutiladas e golpes das armas de punho, defendiam imperfeitamente o guerreiro das armas longas ou de fuste e ainda menos das *frechas* e dardos que, com as fundas e a fustibala ou funda suspensa em haste á laia de chicote, completavam o armamento da *infanteria* coeva.

No primeiro quartel do seculo xii começa a apparecer e

(*) N'uma antiga tapeçaria do mosteiro de Bayeux (na Normandia), e que é um dos mais preciosos documentos da armaria da Edade-Média, estão assim representados os Normandos invasores da Inglaterra e Guilherme o *Conquistador*, seu chefe.

generaliza-se (primeiro no norte da Europa, e em seguida no centro e no sul) o uso da lorega ou cóta de malha, entretecida de malhas-de-ferro incadeadas umas nas outras: é a *brunica*, o *halberg* ou *halbert* dos Allemães (pois de lá veio), que mais tarde, constituido o nosso reino de Portugal, n'elle se usou com o nome de *loregão*, por ser mais comprido do que a lorega.

No meado do seculo XI já se tinham addicionado á cóta as calças baixas de malhas (com pés).

Correu por muito tempo (e ainda rotineiramente o repetem hoje alguns d'esses compiladores que fazem obra pelos livros e sem procederem ao confronto das armas verdadeiras) que esta nova armadura fôra importada do Oriente pelos Cruzados; incontra-se, porêm, não só representada em documentos e monumentos,—como tambem se acharam d'ella fragmentos (sufficientes para reconstituir um todo) em varias sepulturas do norte da Allemanha, sepulturas de epocha muito anterior ás Cruzadas.

Foi a armadura de malhas sujeita a variantes: umas vezes é o loregão de capuz ou camal de malha muito justo á cabeça e as calças inteiras com pés; outras é um corpete com as calças altas adherentes e umas calças com pés ou borzeguins, tudo de malhas, completando a defesa do corpo.

No fim do seculo XII já todos os vestidos de malhas teem mangas justas até aos pulsos,— e nos começos do seculo XIII luvas adherentes do mesmo genero e contextura, apenas com divisão para o pollegar.

As malhas aperfeiçoam-se, teem os elos mais apertados e apresentam no conjuncto um tecido mais flexivel;—começam a fabricar-se duplas ou em duas camadas sobrepostas.

As armas offensivas do cavalleiro, são: a espada que poucas alterações soffre, conservando a folha larga, curta, e de dois gumes,— o punho em cruz e romba a extremidade; a *lança;* a *hacha d'armas;* e a *borda,* pezada e tôsca massa de madeira crivada de prégos,— não sendo o uso d'esta arma muito geral nas regiões da Europa meridional.

Os peões ou villanagem, usavam então as armas defensivas dos cavalleiros dos seculos precedentes — a lorega primitiva

de capuz (que em Portugal se continuou usando até aos meiados do seculo xiv),—e no seculo xii combatiam com a cabeça apenas defendida por uma faixa de sola simples ou reforçada de tiras de ferro repregado. E' já do seculo xiii que deve datar-se para a peonagem o uso das *cervilheiras* (que é o capacete da epocha), mas ainda de sola, tachonada de prégos e aperfeiçoada successivamente com virolas de ferro.

Já no seculo xii os cavalleiros tinham substituido os capacetes que atraz descrevemos pela *cervilheira de ferro* (especie de coifa pequena que se usava, quer por baixo do capuz de malha, quer por cima, e que se sobrepunha em ambos os casos a uma coifa ou chapeirão estofado). E' entre o seculo xii e o xiii que começa a apparecer a *capelina* (variante da cervilheira), arma defensiva a respeito da qual reina por ora uma certa ambiguidade — mas cuja fórma parece ter sido achatada.

Por debaixo das malhas, e afim de imbotar os golpes e as contusões que a propria malha produzia, vestia-se um fato completo estofado e imbastado (como os modernos colchões). Este artificio mais solidamente elaborado foi adoptado como armadura dos peões; e sabemos por Fernão Lopes que em Portugal, conjunctamente com uma reforma geral do armamento no reinado de El-Rei D. Fernando I (*), foi proscripto o *gambais* ou *gambesou*, a que Fernão Lopes chama *cambais*, e que desde o principio da monarchia talvez cá se usava, acolcheado tambem e transformado porêm em sobrecóta — isto é, usado por cima da lorega ou mesmo sem ella (assim se vê representada a effigie de D. Sancho I nos morabbitinos ou moedas de oiro da sua epocha).

Remonta a esta era a adopção de uma chapa larga de ferro sopre-posta, no peito, á lorega de malha; é a re-apparição (sob fórma imperfeita) da couraça dos antigos, olvidada durante alguns seculos; e começam os cavalleiros a invergar por cima das malhas o *laúde, loudel, laudel*, ou *sobre-cóta* — especie de tunica sem mangas, aberta na frente da cintura abaixo.

Nos documentos da epocha chamam-lhe algumas vezes *sur-*

(*) O unico exemplar que se conhece do *cambais* conserva-se no Museu de Munich — o termo francez *gambais* applicava-se á substancia que estofava estas cótas; o vulgo tomando a parte pelo todo, assim ficou chamando a essa cóta.

rão ou *çurame* (o *sarrau* francez), e raras vezes *balandrau*, que eram vocabulos applicados a alfaias de vestir, cuja fórma essas sobre-cótas imitavam. No peito e até na superficie total do laudel passaram os nobres a usar as suas armas ou distinctivos heraldicos pintados, ou bordados *(broslados)* esmeradamente pela mão da rica-dona affectuosa.

Não julgando o corpo ainda bastante protegido accrescentam-se á cóta certas chapas de ferro nos hombros e nos joelhos. As primeiras — em que os freires das ordens religiosas traziam pintada a cruz distinctiva da ordem militante a que pertenciam, e que eram a tentativa balbuciante da *espaldeira* ou defesa d'hombro da armadura do seculo xv, — pouco tempo estiveram em uso; eram incommodas e pouco solidas. As segundas constituiam a *joelheira;* eram redondas e protegiam o joelho; ficaram em uso, aperfeiçoando se depois (como adeante veremos). Achamos entre outras armas mencionada a joelheira n'um testamento do fim do reinado de D. Sancho I.

Progrediam tambem as armas offensivas.

Começa por esta epocha a generalizar-se o *poleax,* grande machado de cabo largo, — a hacha d'armas do peão, que foi (como o termo o indica) um invento inglez.

Não contentes com a já pezadissima carga que supportavam, augmentam-n'a os cavalleiros agora addicionando-lhe o *elmo,* — defesa de cabeça, enorme, de ferro, de cuja fórma o leitor poderá fazer idéa comparando-o já a um enorme fogareiro de ferro, já a uma panella! Assumiu depois fórmas variadissimas, mas sempre grande e pezado; e punha-se por cima da cervilheira!

E' notavel o amor á pelle que tiveram esses homens façanhudos, mas prudentes e acautelados (como se collige das precauções que tomavam para a conservar)! O cavalleiro só invergava o elmo quando se dava o signal para a peleja; nos intervallos e durante a marcha, trazia-o pendurado do arção da sella. Os elmos destinados a servir nas justas e torneios eram ainda maiores e mais pezados; distinguem-se bem pela fórma (*).

Não se opéra mudança muito sensivel nas armas defensi-

(*) Mencionemos de passagem que o grande elmo que se conserva no *Mosteiro da Batalha,* e que se attribue a D. João I, é um d'esses elmos de torneio (segundo a nossa opinião, baseada aliás na dos mais competentes mestres d'esta especialidade).

vas, até meiados do seculo XIII. Apenas se adopta o uso de fechar o elmo na frente (com uma grade fixa ou um postigo perfurado de orificios para permittir ao cavalleiro ver e respirar) e de o encimar com o timbre heraldico do cavalleiro, o que lhe dá um aspecto por vezes phantastico e sempre variado e extravagante :—é o *elmo de cimeira.*

O loregão, que se chama agora *camisote,* imita a tendencia do vestuario da epocha, descendo até ás canelas; e com elle desce ainda mais a sobre-cóte. Alguns dos cavalleiros, representados por esta fórma nos documentos coevos, offerecem o aspecto grotesco de um vegete de ha quarenta annos, amantilhado no grande casação de briche ou saragoça!

A inferioridade do armamento da peonagem e a difficuldade que esta experimentava em ferir o cavalleiro (quasi invulneravel dos pés á cabeça) foram tornando geral durante a peleja a práctica de empregar o peão o maximo esforço em ferir o cavallo afim de derrubar o cavalleiro,—porque, este uma vez por terra, e (devido ao pezo enorme que sustentava) peados os movimentos, ficava inerme, e (como ficou notado já no livrinho *Tactica e armas de guerra* — vol. XXXVII da *Bibliotheca do Povo e das Escolas)* similhante a uma tartaruga que o selvagem volta de costas para melhor a poder matar! Posto assim á mercê do villão, é bem de suppôr que este não deixasse escapar tão azado ensejo de cevar a sua sanha e revindicta no corpo do tyrannico oppressor da vespera.

Datam d'essa epocha os *mangoaes de guerra,* e o *desmontador* (instrumento que, segundo indica o nome, servia para derrubar o cavalleiro); do uso do *desmontador* (em francez, *désarçonneur)* não achamos vestigio em Portugal.

Já se tinha a esse tempo inventado a *bésta* ou *ballestra,* especie de arco de coronha para arremessar frechas, que, pouco importante a principio, depois veio a desinvolver-se e aperfeiçoar-se, tornando-se arma de uso mui geral.

Era então ainda desconhecido todo e qualquer armamento defensivo do cavallo, cujos arreios e jaezes se conservavam bastante primitivos e tôscos; a primeira lorega, loregão ou teliz «para cavallo», apparece depois do meiado do seculo XIII.

Esta epocha estabelece um novo periodo: — o da *armadura* propriamente dita.

Não incontrando ainda sufficiente defesa na cóta de malhas, os cavalleiros começam então a sobrepôr-lhe o que em Portugal se chamou *pratas* (corruptela do francez *plates*) e depois *sôlhas*. Eram estas umas laminas curvas de sola, e mais tarde de ferro, que applicavam e afivelavam sobre a malha, primeiro nos ante-braços e cannelas, e cujos nomes foram *braçaes* e *canneleiras* (*). Foi esta a primeira expressão da armadura,— a qual em breve devia assumir proporções importantes.

O escudo, menos util agora, tinha diminuido sensivelmente,— e, pendurado do pescoço por uma correia afivelada, defendia o peito das settas e virotes dos archeiros ou dos bésteiros, qual outra couraça volante.

As esporas do cavalleiro, os *acicates*, então muito longos e ponteagudos, eram por vezes empregados em coadjuvar a defesa; serviram-se d'elles frequentemente como meio estrategico para proteger a retirada, espetando-os no chão á laia de estrepes para deter a infanteria.

Termina aqui,—ou, antes, estabeleceremos aqui,— o fim do primeiro periodo das armas defensivas da Edade-Média.

Vamos intrar agora na phase verdadeiramente interessante (artisticamente falando) da armadura, — que é a epocha (mais curta do que geralmente se suppõe) da *armadura propriamente dita*.

(*) Achamos no *Elucidario* de Santa Rosa de Viterbo menção das canneleiras de couro, juntamente com outra peça de armas (os *mazzequins*— vocabulo de origem italiana) que constituia uma pequena maça de pau propria para combater a pé (nos torneios).

DO MEIADO DO SECULO XIII AOS FINS DO XIV. FORMAÇÃO DA ARMADURA E PROGRESSO DAS ARMAS EM GERAL.

Vimos no capitulo antecedente qual era o armamento do cavalleiro no meiado do seculo XIII: — o camisote de malha com o camal ou capuz; as calças inteiras tambem de malha, já quasi sempre dupla,— com as pratas ou sôlhas sobrepostas a meio braço (do cotovello até ao pulso) e na perna (do joelho abaixo), isto é, braçaes e canneleiras. O uso da *joelheira* e da *cotovolleira* em fórma de rodela, data já tambem d'este periodo.

Começa por este tempo a apparecer um genero de armadura que nos parece ter sido a verdadeira precursora, como fórma, da *armadura propriamente dita;* compunha-se de um revestimento completo de tiras largas de sola, fixas umas nas outras só pelas extremidades, sobrepondo-se um pouco e formando articulações para facilitar os movimentos.

Algumas houve tambem, identicas na configuração, mas feitas de laminas de chifre,—das quaes, comtudo, pouco se pode avançar de positivo, porque apenas restam d'ellas escassos fragmentos em alguns museus.

Até ao fim do seculo XIII, já tinham sido accrescentados á armadura os *coxotes* (placas para defesa das coxas), e já os braçaes eram duplos (isto é: feitos de duas peças, unindo por meio de gonzos exteriores, e afivelados, incerrando o braço n'um como estojo do pulso ao cotovello); em breve se completou por fórma identica a defesa do braço, do cotovello ao hombro, defesa que se denominou *avan-braço.*

Os hombros tinham ainda por unica defesa o cabeção ou capuz de malha, ao qual adheria por vezes uma manga larga e curta, sobrepondo-se-lhe no principio do seculo XIV uma rodela de cada lado do peito, com meio-palmo de diametro approximadamente.

E' este o conjuncto das peças defensivas que compõem a armadura nos principios do seculo XIV.

Esta evolução coincidiu (como sempre) com a mudança operada no modo de vestir; as roupas talares do seculo antecedente foram de subito abandonadas em toda a Europa, depois das grandes pestes, e substituidas por fatos curtos e esticados,—moda que no meiado do seculo XIV attingiu um exaggêro por tal fórma ridiculo, que mereceu aos elegantes

d'essa epocha o epitheto pouco lisonjeiro de *coelhos esfolados.*

A armadura obedeceu pois, como sempre, aos caprichos da moda: o *loregom* e o camisote desapparecem, ficando em logar d'elles a cota curta ou *jaque* (o *jack* dos archeiros inglezes). Ficam comtudo ainda mal defendidos o peito, as costas e os hombros,—o que se suppre no fim do seculo com a invenção dos *corpos de solhas,* especie de meia couraça, ainda não completa, e feita de laminas articuladas, a qual, defendendo o estomago até á altura dos peitoraes, prolongava-se da cintura abaixo em laminas horizontaes para defesa dos rins; defendia as costas uma peça identica.

A defesa dos rins chamou-se *falda* ou *faldra* (fralda) de ferro ou aço (material que já começava a ser empregado para as boas armaduras).

No fim do seculo XIV já estavam inventadas as *escarcélas,* peças oblongas e verticaes que se suspendiam (com fivelas, o que era commum a todas as peças) pela frente da faldra, e que completavam a defesa das coxas. O nome de *escarcelas* vinha-lhes da bolsa que n'aquella epocha se usava pendurada do cinto ou *pretina,* junto com o bulhão, cutello ou punhal; e assumiram as fórmas mais variadas, mas sempre elegantes, nas bellas armaduras gothicas dos seculos XIX e XV, e principalmente nas allemans. A Allemanha (apezar da lenda estereotypada por muito tempo nos escriptos de compiladores rotineiros, que attribuiam tudo quanto houve de bom e de bello em armas aos Milanezes), a Allemanha (repetimos) foi sempre o paiz d'onde partiu o progresso das armaduras, e onde as armas se fabricaram melhor e com mais arte e invenção.

A armadura, no estado de adeantamento que acima vimos, foi introduzida em Portugal durante o reinado de D. Fernando I, por occasião da vinda dos Inglezes a Portugal, adoptando-se tambem, em substituição do pezado e incommodo elmo (que ficou sendo exclusivo para justas e torneios), um capacete oval elevado, ou antes ogival, ao qual se prendia um comprido e largo cabeção de malhas: era o *bacinete de camal.*

A este se accrescentou, para defesa da cara, um appendice movel, girando sobre parafusos, que o cavalleiro baixava ou levantava á vontade. Descido fazia lembrar o focinho de um lobo; foi a primeira fórma da *viseira.* Os capacetes d'esta configuração ficaram tendo em Portugal o nome de *barbudas* (e assim se chamou a uma certa moeda de prata, cunhada por el-rei D. Fernando, em que a effigie do monarcha é representada com um d'estes capacetes incimado por uma corôa.

O *guante* apparece já durante o seculo XIII, assim como o *sapato de ferro.*

O *guante* compunha-se de uma luva de anta coberta de laminas repregadas e articuladas; começaram os guantes por ter as phalanges separadas; foram unidas estas mais tarde, para proporcionar mais solida defesa á mão,— e adoptada a *manopla,* guante sem divisão de dedos, que se usou até ao seculo XVI.

O sapato de ferro era formado por um numero variavel de laminas assentes sobre o sapato ordinario, com o mesmo systema de articulações que governam todos as peças da armadura.

O sapato é nas armaduras uma das partes componentes que mais auxilio ministram para a determinação da épocha a que pertencem. Os primeiros sapatos (isto é, de 1250 a 1300) apresentam fórma pyramidal recta, terminando em ponta aguda; d'essa épocha até 1450, approximadamente, a fórma pyramidal é exteriormente em curva ondulada, affectando a fórma do arco ogival lanceolado, mas com o bico extremamente longo (*).

Existe um exemplar (pertencente, se a memoria nos não falha, á collecção do Duque de Northumberland) em que a joelheira da armadura tem uma argola e um pedaço de cadeia, havendo na ponta do sapato argola identica com outro fragmento de cadeia; era para prender o bico do sapato á joelheira, como se usou no traje civil,— porque, n'essas épochas, cujo viver nos pintam rude e singelo, a moda apresenta caprichos os mais singulares e desvairados. Desde 1450 até ao fim do seculo XV a fórma geral do sapato de ferro é a do arco ogival em lancêta ou ponta de lança; no principio do seculo XVI é rombo (a fórma que nas linguas do Norte da Europa designam por *bico de pato);* de 1530 a 1580 (approximadamente) é muitissimo largo na extremidade á similhança do chapim, do pantufo, e do sapato apantufado das modas allemans que então dominavam (a este feitio, chamam-lhe no Norte — *pé de urso).*

Foi a sua ultima expressão, porque d'essa épocha em deante

(*) Esta usança deu logar a frequentes episodios comicos. Na ultima Cruzada os cavalleiros de João-sem-Pavor, surprehendidos pelos cavalleiros Agarenos, são obrigados a cortar com as espadas as pontas dos sapatos para poderem metter os pés nos estribos. Facto identico succedeu em Badajoz com os cavalleiros de el-rei D. Fernando I, ameaçados de improviso pelos Hespanhoes; Fernão Lopes na chronica d'aquelle monarcha conta o caso com certa graça.

é geralmente banido o sapato, assim como a *grêva* ou polaina de ferro que defendia até então a perna (do tornozelo ao joelho).

As modificações successivas do sapato não podem determinar-se com exactidão em Portugal; os documentos que possuimos, fornecidos na maxima parte pelas esculpturas tumulares, apresentam durante periodo extenso, e até tarde, a armadura de caracter pronunciadamente ogival — mantendo-se em quasi todas o sapato em ogiva, de ponta de lança.

O systema geral da armadura do cavalleiro, no principio do seculo XIV, comquanto estivesse ainda longe da perfeição que attingiu d'alli a cem annos, fixa-se então durante uns trinta annos, introduzido-se-lhe apenas alguns ligeiros aperfeiçoamentos tendentes a melhorar a articulação das peças para dar mais facilidade ao jogo dos membros.

As armas offensivas tinham por esse tempo experimentado alterações, havendo a registar varios e importantes inventos.

A *lança* usava-se agora enorme em comprimento e grossura; tinha o conto, ou couce, ferrado; a metro e meio acima d'este existia uma cava na hasta ou fuste para firmeza da mão; adeante d'esta impunhadura *(impolgadeira)*, uma rodela de ferro ou aço, de grandes proporções, protegia a mão.

Eram descommunaes em tamanho e pezo as *lanças de torneio*, — porque é mistér que se saiba que as armas de torneio, ao revez do que vulgarmente se julga, foram sempre as mais pezadas e complicadas na fórma.

A' *massa d'armas*, que crescêra em tamanho e que era já por si uma arma formidavel, viera juntar-se o *chicote d'armas* (ou *flagello)*, especie de azorrague cujos lóros eram cadeias, das quaes pendiam espheras de ferro crivadas de espigões agudos. A *acha d'armas* veio a ser dupla ou de dois córtes, e mais tarde se lhe accrescentou uma ponta de lança. O *martello d'armas*, cuja fórma o nome está indicando, tambem tinha a haste rematada em lança.

O *montante*, ou espada que se brandia com ambas as mãos, generaliza-se tambem no seculo XIV.

Todas estas armas trazia penduradas o cavalleiro no arção da sella do seu cavallo de batalhar, á excepção da lança e do escudo (que essas levava o escudeiro ou pagem de lança, durante as marchas, — o qual, junto com meia duzia de homens d'armas, de pé e de cavallo, constituiam o séquito obrigado do cavalleiro nobre e solarengo; este séquito defendia-o, levantava-o se cahia por terra, ajudava-o a apear-se

e a montar, e fornecia-lhe alternadamente as armas de que queria servir-se durante a peleja).

Notaremos aqui de passagem que o cavalleiro só invergava a armadura proximo ao momento do combate; e só então, tambem, trocava o seu ginete ou cavallo ordinario pelo corcel ou *adextrado*, isto é, pelo cavallo de batalha (*).

As unicas armas offensivas que o cavalleiro jámais largava, eram: — a espada, então já longa e esguia, com os quartões recurvados para o lado da folha, e que então se chamava *estoque*; e o *bulhão* ou a *misericordia*, punhal delgado e comprido que lhe pendia do cinto.

O corcel apparece já tambem revestido de uma tal ou qual armadura; é o *teliz*, especie de loregão, já de atanado, tachonado de ferro, já entretecido de lóros, com pescoceira ou capuz, completado na frente por uma testeira de ferro que lhe defende a cabeça, e que por vezes é armada com um espigão na testa (**).

E' curiosa esta epocha, pela porfiada lucta, travada entre o armamento do cavalleiro e o do peão. Este ultimo não podendo equiparar-se ao primeiro na armadura, já pela escassez de meios, já pela necessidade de conservar a agilidade indispensavel para as marchas e para combater a pé, desforrava-se nas armas de arremesso, e ainda mais nas de fuste, as quaes n'esta epocha passam por uma verdadeira transformação.

Principia aqui essa longa serie de armas formidaveis nas mãos vigorosas da peonagem rude, — armas que tiveram todas a sua esgrima especial, e de cuja efficacia poderá julgar o leitor que tiver, em algumas das nossas feiras ou festas campestres, visto como o guapo valentão sabe *varrer* o terreno, abrindo caminho com os sarilhos do seu varapau.

Attingiram algumas d'essas armas de fuste, imbora hoje as dimensões nos pareçam exaggeradas, 22 palmos de comprimento e mais ainda! As de uso mais geral foram a alabarda, o pique ou chuço, e a lança.

A *alabarda* veio a ser arma terrivel nas mãos dos Suissos (***) e deu origem mais tarde á formação, por quasi toda

(*) D'onde se deduz que vem de eras remotas a locução ainda hoje, entre nós, vulgar: — «E' o seu *cavallo de batalha*».

(**) Entre as poucas peças defensivas para cavallo, existentes no Arsenal de Lisboa, vê-se uma testeira de cavallo, em estylo ogival, bastante formosa.

(***) Cuja tactica e manobras foram adoptadas geralmente no seculo XVI por licção de Machiavello. Dizia-se em portuguez: — «fazer a Suissa ou exercicio de armas de fuste».

a Europa, de companhias (ou terços) de alabardeiros, compostas na maxima parte por individuos d'essa nacionalidade. A sua fórma é approximadamente a de uma acha d'armas dupla, com o ferro anterior mais pequeno, montada sobre longo cabo ou bastão ferrado. Foi sujeita a innumeras variantes de fórma durante o periodo gothico; e durante o Renascimento tornou-se pela riqueza da ornamentação um verdadeiro objecto de arte.

O *pique* é uma lança de ferro comprido.

A *chuça* e *chuço* (e o *lanção*) são variantes, cuja differença é hoje difficil de discriminar.

A *lança* é a antiga lança do cavalleiro dos seculos precedentes.

Veio juntar-se a estas a *bisarma* (*), a maior de todas, e aquella cuja fórma foi mais complicada.

Era uma especie de ferro fortemente colossal, terminado em ponta de lança agudissima e com um ou mais espigões ou rostros, projectando horizontalmente o seu ferro; junto á haste ia ingrossando. Era ao mesmo tempo lança, foice, hacha e martello. O gancho em fórma de podão servia para derrubar o cavalleiro e cortar as pernas aos cavallos. Os ferimentos d'esta arma eram horriveis.

Depois veio o *bisagudo* ou forcado, cuja fórma o nome está indicando, e que servia principalmente nos assedios das praças.

A *foice de guerra*, similhante á foice roçadoura — mas de cuja fórma foi divergindo pouco a pouco.

O *foucinho* ou foice de brécha (o *breckmesser* allemão), similhante a um enorme cutélo ou navalha-de-barba gigantesca arvorada na ponta de um pau, anda em alguns tratados confundido erradamente com a bisarma. A *vuldge* dos Inglezes *(voudje* em francez) ou venabulo de guerra — arma rarissima hoje, que pouco tempo se usou (provavelmente por demasiado pezada), que não incontramos em documentos portuguezes,—era uma especie de ferro de machado enorme, rematando em ponta. A *corsica* ou *corsisca* — o *roncone* dos Italianos (o *roncão?)* — especie de tridente com as duas pontas lateraes em curva concentrica, originaria da Corsega (como o nome o indica), e finalmente a *partasana* (do hespanhol *partesana)*, cujo ferro se assimilha ao de uma larga adaga montado em haste, e que só apparece no fim do seculo xv, com-

(*) «E' uma bisarma»! (diz ainda hoje o povo de uma coisa com tamanho exaggerado).

pletavam essa extensa serie de instrumentos terriveis de destruição com que a peonagem tentava neutralizar o imbate das hostes de cavalleiros,— massa invulneravel de ferro, especie de arsenaes ambulantes que no primeiro impulso despedaçavam tudo quanto se lhes antepunha!

A origem da maior parte d'estas armas são os ferros de monte ou instrumentos de lavoura, e mesmo os de uso domestico que o camponez teve tanta vez de transformar em armas improvisadas contra as depredações das terriveis companhias francas,— tropas mercenarias e assalariadas que se batiam sempre a favor de quem mais dava, e que se desforravam dos ocios da paz, saqueando e perpetrando toda a especie de atrocidades e desacatos nas pessoas e bens dos pobres lavradores!

O resto das armas mencionadas eram introduzidas pelos proprios mercenarios.

Todas mais ou menos se foram aperfeiçoando e se tornaram durante o seculo XV typos interessantissimos para a arte, pelos feitios caprichosos que soube imprimir-lhes o talento e a veia inventiva dos incomparaveis *mestres* dos periodos ogivaes. Do seculo XVI em deante cessa a invenção; os typos tendem a fixar-se,—e o interesse que offerecem é o da ornamentação, opulentissima e afinal exaggerada no seculo XVII, em que a maior parte d'ellas cáem em desuso.

A espada, nos paizes em que dominava o feudalismo, foi sempre vedada ao peão, o que este sophismava substituindo-a por longos cutélos e punhaes que suspendia do cinto, e com os quaes, derrubado o cavalleiro, procurava feril-o pelas juntas da armadura, passando em seguida a despojál-o d'ella, com o auxilio dos seus companheiros, vendendo-a afinal e repartindo o preço em commum. Havia sempre um judeu á mão para esses negocios,—judeu ou judeus, que seguiam em distancia os exercitos!

A peonagem usava tambem já o bacinete de camal e a *almofreixa,* especie de capellina; defendia o corpo com o *jaque* ou *cambais* curto, braçaes de solhas (sem avan-braço), e enormes joelheiras com meias-solhas que defendiam uma parte da cannela e da coxa. Este armamento foi adoptado por imitação dos archeiros inglezes *(yeomen),* cujos arcos enormes

(da altura de um homem) e cujo tiro de fréchа certeiro e mortifero os tornavam rivaes unicos dos alabardeiros suissos. Quando estes vieram a Portugal com João de Ghaunt, no tempo de D. João I, foi o seu armamento adoptado para a peonagem e bésteiros. Não o acceitaram estes sem resistencia, o que era frequente nas outras nações:—o povo, no seu bom-senso práctico, reagia contra a armadura que causava doenças e deformações; a sua defesa predilecta era o capuz de malha ou capuz de mangas (o *alleret* inglez). O dictado antigo e popular—«capuz de malha esse é o que me arma»—traduz bem a confiança que este inspirava ao soldado pedestre.

Chama a nossa attenção entre as armas de arremesso n'este periodo (que eram, salvo o dardo que já pouco se usava, as mesmas do antecedente) a *bésta,* de que já fizemos menção. A bésta,— cuja origem é ainda obscura, mas que já existia no seculo XI,—nos primeiros tempos pouco efficaz, tinha-se aperfeiçoado sensivelmente, e nos fins do seculo XIV era a arma de arremesso mais usada.

Houve béstas de varios systemas e de fórmas variadissimas.

A sua estructura geral e commum ás diversas variantes é a de um arco de archeiro com a competente corda atravessada no meio pela extremidade superior de uma haste ou coronha, com uma noz no centro para estribar a corda, e á qual correspondia pela parte inferior da coronha um gatilho para disparar o tiro.

D'entre as variantes d'esta arma, as que foram mais conhecidas, e as que mais se usaram em Portugal, são:—a bésta de polé, a bésta de garrucha, a bésta de torno, a bésta de pelouro, e a bésta de bodoque.

A *bésta de polé* armava-se por meio de um sarilho ou polé collocada horizontalmente n'um chanfro aberto na extremidade inferior da coronha ou haste, á qual vinham inlear se cordas verticaes que prendiam á noz de correr em que se estribava a corda do arco; retezada a corda e collocada a sétta, disparava-se o tiro puxando o gatilho. A polé ou sarilho era posto em movimento por duas manivellas collocadas nos lados inferiores da coronha e correspondendo ambas aos eixos do mesmo sarilho; para esse fim collocava o bésteiro o pé n'um estribo ou argolão que projectava alêm da ponta superior da haste junto ao arco. Este estribo é commum a todos os outros systemas da mesma arma.

As *béstas de garrucha* eram armadas por um systema ás

vezes assaz complicado de engrenagens que soltava ou colhia a corda. O seu tiro, certeiro e de mais alcance do que qualquer dos das outras, era comtudo moroso; inventou-se um machinismo, especie de manivella ou torno adherente a um pé-de-cabra que se applicava ao nó da bésta na occasião de se armar e ao qual se chamou *armatoste* (corruptela do italiano). Armada a bésta, o bésteiro recolhia o *armatoste* n'uma bolsa de couro que lhe pendia do cinto.

Os bésteiros de garrucha eram companhias escolhidas, quer de pé, quer de cavallo.

Chamaram-se *bésteiros do couto* aquelles que eram fornecidos pelos municipios.

A *bésta de torno* tinha no centro da haste uma roda do incontro, de ferro, cujos dentes postos em contacto com os dentes de uma tira de ferro, estabelecia o movimento necessario ao nó para retezar a corda.

As *béstas de pelouro* tinham canno e disparavam balas de chumbo ou de pedra *(pelouros)*. Parecem ter sido armas do ultimo periodo da bésta (isto é, do seculo XVI).

As *béstas de bodoque* disparavam balas de barro; — ainda hoje se usam nas provincias remotas do Brazil, mas como armas de caça (fim a que parece terem sido destinadas na Europa). Tinham duas cordas parallelas e entre ellas uma rede e impolgadeira no cabo.

Ha ainda uma especie que chamaram *escorpião* (cuja fórma não podemos determinar), — e o *béstão (béèstom)* mencionado por Azurara na *Chronica de Ceuta*, que era uma bésta ou *balista* enorme para defesa de muralhas em assedios e que deve ser classificada como machina de guerra.

As béstas disparavam séttas que se chamavam quadrélas, virotes e virotões.

A *quadréla* era um dardo pezado, de quatro esquinas, commum ao *béèstom* e ás béstas de mão de maior dimensão. O *virote* era curto e implumado no conto, assim como o *virotão* que só se differençava do virote por ser mais comprido.

As pontas d'estas séttas variavam muito de fórma. Eram lizas, a modo de ferro-de-lança, rebarbadas, tripontadas ou facetadas. Os bésteiros costumavam hervál-as ou imbeberlhes as pontas no succo do *helleboro*, que se chamava por isso entre nós «herva de bésteiros».

No seculo XIV deparamos com um novo instrumento de defesa; é o *pavez*, escudo enorme de madeira, reforçado de ferro, por detraz do qual se abriga o bésteiro para armar a bésta.

Os pavezes do seculo XV teem dois buracos ás vezes (um para fazer a pontaria, e outro para disparar o tiro).

Foram tambem empregados como escudos para cavalleiros e homens de armas nos tiroteios durante os assedios a praças e cidadellas.

O escudo ia entretanto perdendo importancia no combate, á medida que a armadura experimentava progresso (salvo nos torneios a pé ou a cavallo) sendo agora principalmente insignia heraldica em que o cavalleiro ostentava sua prosapia.

Os cavalleiros usavam ainda por cima do *arnez* (que assim se ficou chamando em geral a armadura de solhas) as *sobre-cótas* ou *laureis*, cuja fórma comtudo fôra alterada: eram agora soltos e abertos aos lados á similhança da *casula* do sacerdote; uns tinham mangas muito curtas e largas; outros não as tinham. São as *jorneas* (*) sobre as quaes pintavam e bordavam o brazão do cavalleiro e o seu lemma, tenção ou impresa; eram feitas de estofos variadissimos, desde o fustão branco dos humildes freires militantes até ás sedas *(sirgo)*, veludos, escarlatas venezianas, e pannos de Flandres de que nos fala Fernão Lopes; eram mesmo *chapadas* ou recamadas de oiro e *farpadas* (isto é, recortadas em dentes de serra) segundo o capricho da epocha.

Não eram comtudo estas sobre-cótas de uso tão absolutamente geral como no seculo antecedente,— e são frequentes nos documentos as imagens de cavalleiros vestindo apenas a cóta e solhas, tendo n'este caso o brazão de armas pintado sobre o peito da *cóta do jaque* ou do *cambais*.

Não julgue comtudo o leitor que o uso das armaduras fôsse geral: eram caras e escasseavam os armeiros ou mestres de solhas. Os *acontiados* ou assalariados, cavalleiros pobres e villões, ou homens d'armas a cavallo, contentavam-se ainda com a lorega de atanado e a malha, a qual o invento de um alfageme allemão tornára mais barata, mais leve e mais accessivel ás bolsas modestas.

Os bacinetes dos cavalleiros accresceataram-se no fim de

(*) Existe no Thesouro da Collegiada de Guimarães uma *sobre-cóta* ou *jornea*, da qual reza a tradição ter pertencido ao Mestre de Aviz,— o que não é impossivel porque tem o caracter da epocha a que se attribue.

seculo XIV com uma nova peça, a *babeira,* tira de ferro ou de aço que defendia a barba e que servia tambem para assentar o pezo da viseira, tornando-a mais fixa e menos incommoda.

Estava pois, ao intrar o seculo XV, quasi completa a armadura. E' agora tambem que principia o seu interesse,— começando as peças a ser elaboradas com intenção artistica. E' o alvorecer de um novo ramo da arte gothica, sempre inimitavel na originalidade de invenção dos typos que soube crear para as suas diversas manifestações:—a arte do armeiro, cujos productos, imbora filiados no estylo ogival, dão logar a combinações de fórma inteiramente novas e de caracter proprio.

Excusado é dizer que esta evolução abrange tambem as armas offensivas.

Vamos, pois, no capitulo seguinte, atravessar em companhia do leitor, o periodo brilhante da armaria, até á epocha da decadencia e desapparição formal da armadura.

DESDE MEIADO DO SECULO XIV ATÉ MEIADO DO SECULO XVI.—COMPLETA-SE A ARMADURA E ATTINGE ELLA O SEU PERIODO ELEVADO.

Comquanto os progressos da armadura, como elemento defensivo, não sejam sensiveis durante a primeira metade do seculo XVI,—ha, comtudo, a registrar varias modificações na sua fórma geral.

Até 1630, approximadamente, as suas peças componentes foram lizas, e accusavam apenas imperfeitamente as fórmas do corpo humano. D'alli a poucos annos já apresentavam contornos elegantes: as folhas são todas anguladas nos centros em aresta e rebatidas em planos incontrados, afim de quebrar a monotonia das superficies — como depois se practicou de modo mais sensivel nos peitos das couraças.

As cotovelleiras e as joelheiras, mais completas, formam incaixe ao cotovello e á rótula, tendo ambos já guardas exteriores (isto é: — laminas arredondadas, ovaes, e ás vezes em

meia-lua ou em crescente, facetadas e recortadas em estylo ogival e com elegancia). Começam a falda e as escarcélas a ser, em vez de lizas, contornadas em linhas ondulantes e rebatidas em estrias largas, concavas ou convexas, de estylo ogival, variadas sempre (assim como tambem as *guardas*). E' o periodo dos arnezes gothicos. As articulações das solhas (braçaes e canneleiras) multiplicam-se;—a canneleira, descendo mais abaixo, já contorna e defende o tornozello (*).

O *capacete* soffre, proximo ao fim do seculo, modificações: apparece e em breve se generaliza, um novo invento—o chapéu de armas ou *chapéu de ferro*, como em Portugal se chamou. Era o que defendia a cabeça, junto com o camal e completava o arnez de combate do Infante D. Henrique, na celebre jornada de Ceuta, em que tanto se distinguiu, pois assim nol'o revelou Azurara na sua *Chronica*. Esta nova arma defensiva não era mais do que a imitação d'esses horrendos e extravagantes *sombreiros* ou *chapéus* do seculo XV e já do seculo XIV, que só incontram rival no estupido *chapéu alto* dos nossos dias. Tiveram fórmas variadissimas: já de copa baixa com tendencia pyramidal muito achatada e com uma aba derrubada em faixa larga em toda a circumferencia, á similhança do chapéu de um pastor serrano em dia de aguaceiros; já em cóne truncado elevadissimo e de aba com rebordo vertical á laia do chamado «chapéu á hespanhola» dos nossos dias; outros houve em fórma de zimborio ogival e de aba larga horizontal, etc. Alguns annos depois de inventados, apparecem-nos com dois chanfros lateraes, nos sitios das orelhas, e estas defendidas por duas chapas em concha, de cunho gothico, muito pronunciado, fixas na aba. Usavam-se com o camalho ou camal.

Alguns chapéus de ferro tiveram um vergalhão de ferro tambem, isolado da copa e pendente em sentido vertical por deante da cara para defesa d'esta.

O chapéu de armas esteve em voga durante quasi todo o seculo XV (**), reapparecendo depois de tempos a tempos, po-

(*) A armadura com que está representada a effigie do Mestre d'Aviz em seu tumulo na Egreja da Batalha é ainda de typo simples e pouco artistico, attendendo ao periodo da esculptura. No mausoléu do Conde de Vianna em Santarem a estatua do cavalleiro está com uma armadura de typo inglez: com a cotevelleira e guardas muito grandes, assim como a joelheira.

(**) Deparámos, no Arsenal do Exercito (de Lisboa), com um typo mixto de capacete, que simultaneamente participa do chapéu de armas e do morrião adoptado no seculo XVI, cuja aba é medianamente larga obliqua na direcção do rosto; tem o tympano pyramidal achatado e estriado; é de caracter gothico da 4.ª epocha, muito elegante.

rêm, apenas como facto isolado, filho de phantasia pessoal, tornando a usar-se no meiado do seculo XVII.

Nos fins do seculo XV vem de Italia (com as hordas de mercenarios) a moda da *celada* (do italiano *celata* que significa «tapada»), cujo typo mais geral era o de um bonné de pala (posta esta para a nuca e interrada pela cabeça abaixo até ás sobrancelhas); á altura dos olhos tinha uma abertura horizontal, por vezes dividida em duas; n'algumas depois se accrescentou a viseira. Generalizou-se muito, logo desde o seu apparecimento, a celada; e, desde o fim do seculo XV até ao segundo quartel do immediato, substituiu quasi em absoluto o chapeu-de-ferro que se usava principalmente nos arnezes para combates a pé.

O aperfeiçoamento do arnez deu motivo a que os cavalleiros, já nos fins do seculo XIV, fôssem pondo de parte as malhas. No seculo XV já apenas se usavam guarnições d'estas nos *falsos* ou soluções de continuidade que apresentavam as solhas nas juntas; invergavam estas ultimas sobre um fato completo de pelle de gamo, estofado ou acolchoado nos sitios onde o ferro tinha de se cingir mais ao corpo, para imbotar a acção dos golpes; alguns comtudo conservaram o saio de malha, que foi abandonado, quasi em absoluto, nos principios do seculo XVI, quando introduzida a brigantina ou *brigandina* (de origem italiana), a qual nos parece corresponder ao *jubanete* que Ruy de Pina nos diz ter sido incommendado do extrangeiro para Portugal por D. João II, para armamento da sua cavallaria ligeira ou geneta e das guardas de corpo. Vejamos o que era esta nova cóta de armas.

A *brigantina* constava de uma especie de corpete de abas ou faldra curta ou jaque, composto na sua totalidade por escamas pequenas sobrepostas e de contorno gothico trilobado, assentes sobre um fôrro de estofo acolchoado, atravez do qual passavam os botões semi-esphericos dos parafusos que fixavam as escamas. Suppôz-se por muito tempo (e assim se incontravam expostas nos arsenaes e collecções d'armas) que as escamas fôssem usadas para fóra: — mas era exactamente o contrario, circumstancia que resulta bem clara das illuminuras da epocha; as escamas andavam para dentro; e a parte visivel era o estofo que por vezes se apresenta rico e adornado, e tem os botões de metal valioso (*).

(*) Parece que o uso de uma cóta similhante a esta se prolongou entre nós até ao seculo XVI. Menciona-a Damião de Goes n'um dos seus escriptos. Chama-lhe ainda—*laudel*.

A brigantina foi por longo periodo peça fundamental do arnez,— e, mesmo depois de ter vindo a couraça completar a armadura, ficou-se usando com as calças e braços de malha reforçados com as cotoveileiras e joelheiras, nos armamentos chamados *á ligeira.*

Com a adopção geral da celada coincide a intrada de um novo elemento de defesa, do qual resultou (d'alli a poucos annos) uma alteração de maxima importancia no arnez, e que contribuiu para lhe fixar a fórma definitiva: é o *barbote*, cujo nome indica a fórma e o destino que teve.

O *barbote* era uma peça que defendia o queixo e a barba, contornando esta, prolongando-se d'ahi pelo pescoço em lamina larga para o defender, e assentando afinal no peito; ao barbote foi necessario, em breve, accrescentar o *gorjal* ou *gorgelim,* especie de collar que rodeava o pescoço e se espraiava em cabeção curto, assentando sobre o peito, costas e parte dos hombros.

Assumiu bem depressa o gorjal importancia maxima; ficou sendo a chave do arnez; d'elle se suspendia o pezo principal das peças; afivelavam-se-lhe as *bafurneiras* ou braçaes de espaldeiras muito desinvolvidas (o que causou a suppressão das rodelas do peito) e o corselete ou meia-couraça.

Em 1460 apparecem já muitas das armaduras com o peitoril e espaldar completos e subindo até á altura do gorjal: é a couraça ainda não inteiriça, mas sim fabricada de laminas articuladas e sobrepostas, deixando ao centro uma superficie mais larga para a defesa do thorax.

As primeiras couraças são ainda arredondadas, muito bojudas e com a cintura muito accentuada; pouco depois são já faceteadas, com a aresta central verticalmente accusada. A couraça do fim do seculo XV é por vezes elegantissima.

De 1480 em deante (que é quando se pode fixar a data approximativa da sua adopção) passa a couraça a ter o peito e as costas inteiriças; e é logo aproveitada a superficie larga que offerece o peito de aço para a applicação de um melhoramento importante — o fulcro, *reste* ou *riste* (como por corruptela do vocabulo inglez *rest* se chamou entre nós). Era uma haste ou gancho de ferro com quatro faces curvas e de fórma variavel, fixa a um espigão pregado na couraça do lado direito, e dobrando em angulo na direcção do braço direito. Servia ao cavalleiro para apoio da lança sobraçada quando accommettia o seu contrario; d'ahi a expressão — *inristar a lança* ou pôl-a em riste.

Á couraça foi consequencia logica de um novo invento, o

qual, mais tarde attingindo perfeição relativa, estava destinado a operar revolução completa na armaria: as armas-de-fogo.

Sigamos já agora o arnez até ao seu ultimo aperfeiçoamento como defesa do corpo humano.

Ao gorgelim e barbote tinham sido accrescentadas varias laminas articuladas para incerrar e abrigar completamente o pescoço; a nuca era defendida pela enorme aba ou guarda-nuca da celada. Em vez d'estas peças separadas, apparece uma nova fórma de capacete em que as peças constituiam um todo: é o *elmete* ou elmo de viseira (será este o verdadeiro capacete?) que participa do caracter da celada e do elmo antigo, e que ficou sendo o typo definitivo do capacete do cavalleiro, o qual, salvo modificações artisticas de feitio, só deixou de se usar absolutamente no seculo XVII.

Vejamos agora detalhadamente como estava constituida a armadura completa (isto é, a do ultimo quartel do seculo XV e principio do seculo XVI).

Compunha-se das seguintes partes:

1.º Celada de barbote e depois elmo cerrado de viseira;
2.º Gorjal com os annexos articulados;
3.º Peito da couraça;
4.º Espaldar da mesma;
5.º Espaldeiras;
6.º Braçaes e avan-braços (bafurneira);
7.º Cotovelleiras e guardas;
8.º Faldra;
9.º Escarcellas;
10.º Coxotes;
11.º Joelheiras com guardas exteriores;
12.º Canneleiras duplas ou grevas;
13.º Guantes;
14.º Sapatos de ferro.

A greva e o coxote duplo são os ultimos aperfeiçoamentos do arnez no seculo XVI.

As solhas duplas das pernas constituem pois a indicação chronologica mais importante para classificar com exactidão a epocha de um arnez completo.

A armadura conserva ainda grande parte do seu caracter gothico até ao fim do primeiro quartel do seculo XVI. Adapta-se sempre á fórma humana, e é elegantissima e cheia de bom gosto nos pormenores. O trabalho artistico mantem-se sempre no limite das formulas apropriadas ao metal empregado,

o ferro ou o aço; e toda a attenção dos armeiros dos periodos ogivaes parece ter-se concentrado no aspecto e no caracter geral da armadura.

Os artistas do Renascimento neo-classico foram inferiores aos seus antecessores em tudo quanto inventaram: — nas fórmas accusaram decadencia; desviaram a elaboração artistica do arnez do seu verdadeiro fim; sobrecarregaram-n'o de ornamentos, já gravados, já rebatidos e relevados, e por esse motivo o trabalho da generalidade dos arnezes do seculo XVI tanto pode pertencer á ourivesaria ou á esculptura de madeira como a qualquer outro ramo sumptuario (tem comtudo quasi sempre valor subido como especimen de ornamentação). Deixaram obras primas n'este genero: Wohlgemuth, Alberto Durer, Benevenuto Cellini, Arfé de Villafaña e outros muitos.

Uma circumstancia, aliás importante, tiveram a seu favor os artistas do ultimo periodo ogival; foi a imperfeição das armas-de-fogo, que permittia fazer as solhas delgadas e portanto mais faceis de adaptar á fórma do corpo humano. A' medida que a arma explosiva se ia aperfeiçoando, o arnez augmentou em espessura até se tornar insupportavel, a ponto de ninguem poder com elle! A armadura do seculo XVII com a sua pezadissima couraça tornou-se uma fábrica de congestões e de apoplexias; e as feridas produzidas pelas balas nas pernas, aggravadas pelos estilhaços das grevas, tinham quasi sempre como consequencia obrigada a mutilação: — eis a razão por que se abandonaram em toda a parte quasi ao mesmo tempo (isto é, no ultimo quartel do seculo XVI).

A armadura de torneio era, já em 1450, muito mais pezada do que o arnez de peleja. O elmo enorme e pezadissimo de viseira fixa, aparafusado ao espaldar; o manto de armas, escudo fixo que se sobrepunha ao peito de aço e contornava o hombro esquerdo e braço, e que em muitos casos tinha uma babeira ou barbote annexo; uma falsa canneleira grosissima que se sobrepunha á greva para defender a perna das contusões nos barrotes da teia que fechava a arena ou corredor, pelo qual os cavalleiros despediam ao galope dos corceis até se incontrarem frente a frente, etc.; — tudo isso assume, ao intrar o seculo XVI, proporções extravagantes. Conservam-se tambem nas justas as sobre-cótas farpadas e chapadas com timbres heraldicos e *impresas*, incimando o elmo ornamentos de couro pintado e forrado ou plumas de proporções exaggeradas, á similhança dos paquifes que rodeiam, partindo do elmo, os brazões heraldicos.

As sellas, arreios, estribos, esporas, etc., chamam a nossa attenção pela sua singularidade.

Antes do seculo XIV não offerecem as sellas (quer de batalha, quer de torneio) grande interesse artistico, a não ser o da physionomia propria a cada epocha em especial.

De 1480 em deante começa a apparecer a sella de guerra (vulgò «sella de Brabante»), a qual, imbora fôsse depois sujeita a innumeras e caprichosas variantes, parte sempre de um principio fixo: — o de accrescentar a estatura do cavalleiro e permittir-lhe o manejo das armas, desaffrontado da cabeça do cavallo. Para chegar a este resultado estava o assento ou coxim da sella de Brabante (cuja armação era de madeira coberta de sola e depois tambem bardada de ferro) suspenso por quatro ou seis grossos varões de ferro. O assento era extremamente exiguo: a forquilha e a patilha formavam como dois parapeitos bardados tambem, entre os quaes ía intalado o cavalleiro. Este, além da posição incommoda, era obrigado a levar as pernas hirtas e verticaes,— firmando os pés em estribos que de dia para dia foram sendo maiores e mais pezados, para de alguma fórma ajudarem o equilibrio.

Outra fórma houve de sella, cujo uso foi mais geral: — era a que entre nós se chamou «sella da gineta», que pouca differença faz no systema (a não ser no cunho da epocha) das sellas dos seculos immediatos.

A espora variou muito: — as esporas de torneio, esses esporões enormes, com tres e mais rosetas e que mais parecem instrumentos de tortura, eram uma necessidade filha da posição forçada do cavalleiro, que de outra fórma não poderia tocar na barriga do cavallo (*).

No ultimo periodo da armadura gothica, ou na transição para o Renascimento, accrescenta-se á espaldeira por si já bastante grande, uma nova peça: é a guarda de hombros, ou o guarda-collo, — lamina grossa, circular, e impinada sobre o hombro, que defende os golpes ao pescoço. D'ahi a pouco a faldra e as escarcellas reunidas n'uma só peça, formam uma especie de saia de ferro,— o *saio*, que depois muito exaggerado em comprimento se fica chamando *tonelete*; era a imitação do saio de pregas ou saio á tudesca que as gravuras de Alberto Durer tornaram tão conhecido: similhante peça caracteriza as armaduras que se destinavam para combater a pé.

(*) Veja o leitor o *Livro da ensenança de bem cavalgar toda sella* do nosso rei D. Duarte, que (comquanto não adeante mais do que os *Tornois du roi René* e outros tratados especiaes da epocha) tem a vantagem de ser em Portuguez e escripto para Portuguezes.

Ha ainda no periodo de transição a registar um arnez, que, imbora já mais pezado na essencia e no aspecto, é ainda bello pelo caracter grandioso que apresenta e pela ornamentação original: — é a armadura *maximiliana*, designação impropria que implica um justo olvido do nome do seu verdadeiro auctor: o celebre *mestre Albrecht*, armeiro do imperador Maximiliano e talvez o primeiro entre os seus émulos. Esta especie de arnez apresenta por caracteres distinctivos elegantes estrias ou canneleiras que lhe adornam as espaldeiras-cotoveileiras, a região inferior do peito de aço, e ás vezes as escarcellas e os pés-de-ferro, ou o tonelete em alguns casos.

E' perfeita como defesa, pois quasi nenhuma solução de continuidade offerece a juncção das peças que a compõem. Como arma de collecção, é das mais apreciadas. E' possivel que tenha sido usada em Portugal, n'essas festas sumptuosas dadas em Evora por El-Rei D. João II, por occasião do casamento de seu mallogrado filho, e das quaes Ruy de Pina e Garcia de Rezende nos deixaram tão picturescas narrações, pois por essa occasião mandou El-Rei vir do extrangeiro grande quantidade de alfaias e *apercebimentos.*

Talvez figurasse mais tarde no armazem das armas de D. Manuel entre esses *cavalleiros* montados em cavallos de pau, *tanto ao vivo e pelo natural*, etc., que excitaram a ingenua admiração do bom padre Sande (*).

A maximiliana é a nosso vêr a formula do arnez que representa verdadeiramente o gothico florido no seu ultimo periodo.

A armadura para os homens de 1500 foi mania dominante; e durante os cincoenta ou sessenta annos seguintes tornou-se uma questão de amor-proprio e uma causa frequente de ruina. Começaram as armas de luxo; e já n'essa epocha se incontram noticias de varios gabinetes de armas, onde abundavam innumeras peças unicamente decorativas; d'ahi pro-

(*) Veja-se a «Viagem da Embaixada do Japão á Europa no seculo XVI» — publicada no *Archivo Pittoresco.*

A armadura maximiliana (sem o elmo) pezava cêrca de 24 kilos; e as de torneio, muito mais. Entretanto cabe aqui uma observação que vai de incontro á abusão tao vulgar, de serem os homens da Edade-Média mais avultados em estatura e musculatura que os de hoje. Deve admittir-se exactamente o contrario como verdade reconhecida, porque, ao percorrer as collecções de armas, salta logo á vista o facto de serem na maxima parte as armaduras pequenas e exiguas, principalmente as grevas, que ficam quasi todas apertadas a qualquer perna regular dos nossos dias!

vêm incontrar-se tanta arma cujo feitio denota a impossibilidade de ter alguem jámais feito uso d'ella.

A armadura do cavallo, consequencia logica do arnez do cavalleiro, completa-se ao mesmo tempo que aquella. Chegou a sua vez aos pobres cavallos, que, como contrapezo ao muito com que carregavam já, passam a ser todos tambem cobertos de ferro ou de aço.

A armadura do cavallo abrangia no seu conjuncto as seguintes partes: — a *testeira*, rostrada ou não rostrada, com duas guardas para as orelhas, sobreposta a um capuz de malhas que cobria tambem o pescoço, guarnecida em todo o comprimento d'este com laminas articuladas (a *barda* ou *pescoceira*); o *bardão* ou tonelete de ferro que cobria a anca toda e com um prolongamento em laminas que defendia parte da cauda; os *ilhaes*, peças soltas á laia de escarcellas, quo completavam um pezado peitoril de ferro.

Por vezes accrescentou-se á testeira uma *focinheira* em gradeamento de ferro; existem raros exemplares d'esta peça artisticamente trabalhados, que parecem comtudo ter sido reservados para torneios.

Usou-se tambem, e com mais frequencia então, armar o corcel á ligeira, cobrindo o com uma especie de loregão de malha, ao qual se sobrepunham *atafaes* ou arreios bordados de cadeia de ferro ou aço.

Em Allemanha chegaram a fabricar coxotes e canneleiras, e mesmo grevas para cavallos, — o que é bem de suppôr não passasse de casos excepcionaes e objectos de mera ostentação e vaidade artistica.

Acompanhámos o arnez até vêl-o attingir o seu maximo grau de adeantamento.

Lancemos agora uma vista de olhos para as armas offensivas, e vejâmos como ellas acompanharam a evolução das outras.

Poucas innovações ha a registrar n'esta secção desde o seculo antecedente, alêm do que já mencionámos com respeito

ao conjuncto das armas brancas e de haste,—conjuncto que foi commum a todo o periodo gothico té ao alvorecer do Renascimento, cedendo então pouco a pouco o logar ás novas armas explosivas logo que estas se foram aperfeiçoando em alcance, brevidade e precisão de tiro.

Nos fins do seculo xv já tinham desapparecido algumas armas de haste taes como a *vouldge* (foice ou venabulo de assédio), a *áscuma* (especie de venabulo de caça arvorado em arma de guerra,—e que suppômos corresponder ao *gœdengag* flamengo, dardo pezadissimo muito grosso e curto da haste que era esquinada), a *bisarma* terrivel, e o *desmontador* ou *derrubador*.

Começa com o seculo xvi a generalizar-se a elegante partasana, favorita dos guardas de palacios e alcaceres regios, partilhando essa honra com a rendilhada alabarda do mesmo periodo.

A bésta, material e artisticamente aperfeiçoada, é quasi sempre de aço desde o fim do seculo xv; cai em desuso, como arma de guerra, durante a primeira metade da centuria immediata; e fica reduzida a arma de caça até quasi ao seculo xviii.

As armas de fogo parece terem-se generalizado muito depressa em Portugal,—e a dissolução dos corpos de bésteiros por El-Rei D. Manuel precede todas as medidas do mesmo genero na Europa (*).

O pique, o chuço, e a alabarda, ficam sendo, por longo periodo ainda, armas de infanteria.

A espada e o punhal não offerecem por ora o interesse e a variedade artistica que deviam assumir durante o Renascimento e periodos seguintes.

A espada do seculo xv tem quasi sempre o punho em cruz; o punho é muito mais longo que o das espadas das outras epochas, e já bastante rico e adornado por vezes, conservando o estylo ogival.

Adopta-se a espada para as mãos ambas, espada cujo uso se torna extensivo á infanteria, parecendo ter sido introducção dos Allemães, em cujas mãos era uma arma terrivel.

A adaga, fórma intermediaria entre a espada e o punhal, foi ainda uma arma do seculo xv. Era a espada do peão, e foi sujeita a variantes innumeras, das quaes a mais singular

(*) El-Rei D. Manuel foi muito propenso á artilheria e assistiu mais de uma vez a experiencias de bôccas-de-fogo, algumas das quaes eram invento do proprio monarcha.

é a adaga *lingua de vacca*, gladio larguissimo, cuja fórma o nome indica; descendem d'esta a *mão esquerda* (punhal traiçoeiro dos duelos á espada e das impresas nocturnas dos fins do Renascimento), o *quebra espadas* (adaga larga, cuja folha é dentada como a serra ou como um pente colossal), e o *chifarote* (arma de origem italiana).

A espada *flammejante*, cuja folha era em zigue-zague e de dois gumes como quasi todos os gladios dos seculos XV e XVI (com excepção do chifarote, que era triangular, á similhança da bayoneta dos nossos dias), data d'estes mesmos periodos e durou todo o seculo XVI (*). Parece ter sido invenção suissa. Usou-se muito depois nas defesas contra investidas de muralhas, assim como tambem a espada de mãos ambas.

O escudo e o broquel (do allemão antigo *bückel)*, a targa, ou tarja, a adarga, o pavez (de que já nos occupámos), e a rodéla, são os escudos dos seculos XIV, XV e XVI.

A *tarja* era o escudo das licções, justas e torneios; tinha fórma rectangular curva, regular ou irregular; era, como quasi todas as variantes do escudo, de madeira ou de sola bordada de metal.

O *escudo* propriamente dito tinha as differentes fórmas que a Heraldica depois consagrou.

O *broquel* é o escudo das eras remotas.

A *adarga* é um escudo redondo propriamente peninsular, imitado dos musulmanos hispanicos.

A *rodéla* tambem redonda é mais pequena, muito convexa e toda coberta de lamina de metal. Era um escudo de mão; não se imbraçava como os outros. Nos seculos XVI e XVII os officiaes eram obrigados a trazer espada e rodéla, pendurada á cinta.

Faremos agora, e para terminar esta secção, algumas observações acêrca do armamento defensivo da peonagem. Esta,

(*) Ha exemplares bons d'esta arma no *Museu de Artilheria* annexo ao Arsenal do Exercito, em Lisboa.

apezar de reagir por instincto contra a armadura de ferro (quer completa, quer de malhas e peças ou solhas), ia já nos fins do seculo XIV, e á força de lh'o impôrem com penalidades severas, obedecendo pouco a pouco e habituando-se a revestir-se com o espolio de guerra, dos cavalleiros, as mais das vezes. Nos seculos XV e XVI vai augmentando a regularidade do armamento,— e em certos corpos escolhidos a armadura incontra-se já quasi tão completa como a do cavalleiro villão (pelo menos), á excepção do elmo fechado que ficou sendo sempre privativo do cavalleiro e do nobre (*).

E' nossa opinião, entretanto, que muitas das variadissimas armas dos paizes septentrionaes da Europa, nunca foram usadas na Peninsula e principalmente em Portugal; além da frequencia das ordenações imperiosas impondo armamento aos peões, algumas passagens dos nossos classicos ajudam a corroborar esta opinião.

Na descripção que Fernão Lopes, na sua *Chronica*, faz da batalha de Aljubarrota, insiste no armamento deficiente dos cavalleiros portuguezes comparado com o dos hespanhoes.

Azurara, na *Chronica* em que descreve a tomada de Ceuta, refere-se mais de uma vez a individuos, a quem livrou da morte (*«d'ali haver saa fim»*) a carapuça de muitas voltas que levavam na cabeça.

Era a comprida carapuça do seculo XV, que na Peninsula se inrolava em roda da cabeça como turbante mourisco, e que em Hespanha se vê representada em esculpturas tumulares até ao meiado do seculo XVI.

Comprehende-se que a grossura do estofo em camadas repetidas servisse de defesa á cabeça,— accrescendo, de mais a mais, poupar o bacinete, insupportavel aliás debaixo do sol africano.

Vejamos, por ultimo, como depois do periodo das armas de luxó veio a epocha da decadencia.

(*) Viterbo no seu *Elucidario* menciona ordenações régias decretando e impondo fórmas de armamento aos alardos ou levas de tropas dos concelhos.

DESDE O SECULO XVI ATÉ AO SECULO XVIII. PERIODO DA DECADENCIA E EXTINCÇÃO DA ARMADURA E DAS ARMAS DE HASTE PELA INFLUENCIA DAS ARMAS DE FOGO

Vai terminar o primeiro quartel do seculo XVI — e a armadura tende já a declinar sensivelmente.

A couraça,— imitando o pelote á flamenga, da epocha,— incurta extraordinariamente, imprimindo ao conjuncto do arnez aspecto desproporcionado; achata-se o elmo de viseira e barbote; exaggera-se sobremaneira a guarda d'hombros ou guarda-collo, supprimindo-se em seguida a do lado esquerdo (lado do escudo), provavelmente para alliviar um pouco da carga o cavalleiro, o qual nos apparece nas pinturas e gravuras d'esses tempos com a fórma approximada de uma ran ou de um sapo colossal.

A ornamentação vai gradualmente invadindo a superficie do arnez; ao principio é a gravura *a ponta sêcca*, e *a agua-forte* mais tarde; depois segue-se o trabalho de imbutidos de metaes valiosos *(tauchiados*, do allemão *tauschierarbeit)*; e afinal os lavores em relêvo e rebatidos recobrem todas as peças defensivas; o armeiro eclipsa-se perante o gravador e o esculptor.

Começa o delirio das armas de luxo e de mera ostentação: os grandes potentados, as testas coroadas, proceres e magnates, trocam entre si presentes de armas; dá-se um elmo, uma adarga ou uma espada, como no seculo XVIII passa a offerecer-se uma caixa de rapé e nos nossos dias a penna de oiro ou a charuteira de preço. Exgotta-se a invenção dos artistas: ao principio os Allemães e Flamengos trazem a ornamentação imaginosa e rica de invenção do Renascimento germanico; seguem-se os Italianos, resuscitando as fórmas e typos da Antiguidade pagan e creando os *capacetes «á l'antica»* (isto é: de imitação grega e romana) decorados com assumptos allegoricos e mythologicos, com figuras classicas esculpidas nas cimeiras, etc.; episodios guerreiros, em relevo, cobrem escudos, adargas, peitos de couraça, e até os punhos das espadas e punhaes ou adagas,— tornando-se em breve escasso campo para seus devaneios a superficie toda do arnez.

Contribuem n'essas eras os mais reputados talentos da Europa para a decoração da armadura: — esta, comtudo, vai perdendo o caracter e a linha artistica; arredonda se-lhe a faldra completa ou *tonelete*, amesquinham-se-lhe as peças das juntas (cotovelleiras, joelheiras, etc.); cai-se pouco a pouco (facto aliás commum a todas as decadencias artisticas) no grutesco, havendo tambem a notar as armas humoristicas (capacetes, cujas viseiras são carrancas, cabeças de animaes, etc.; ás vezes *armas falantes;* o nome e attributos do dono em charada figurada; — um dos mais notaveis exemplos d'este genero é a extravagante «armadura dos leões», que pertenceu a Luiz XII de França).

Ahi por 1560, pouco mais ou menos, recrudesce a mania do arnez grutesco, — e vêmos imitados na armadura a fórma, o córte e até o estofo dos trajos á italiana, cujo gosto invadiu n'essa era as côrtes principaes da Europa. Figuram-se no arnez os calções ou trussas, as mangas á wallona, as calças golpeadas, os borzeguins, e até a gorgueira de folhos!

Por vezes o elmo representa a effigie do seu possuidor coberta com a gorra ou barrete de plumas!

Testemunham este facto a celebre armadura de Carlos V e outras.

Abunda nas collecções celebres um typo de arnez completo e ás vezes de couraça como peça unica de defesa, a que os Francezes dão o nome de *casca de ervilha (cósse de pois)* ou «corcunda de Polichinello» (que effectivamente affecta a fórma do gibão em papo de rôla d'aquelle grutesco e legendario personagem da velha comedia italiana, o qual hoje, a não ser nos theatros forenses de Napoles, só é conhecido sob a fórma de titere ou boneco).

Este typo de armadura (devido indubitavelmente ao ingodo inspirado em França e n'outras côrtes pelos celebres comediantes italianos, — e que se distingue por ter a couraça muito curta nos quadriz, estreita de cinta e prolongada no estomago em bico e papo intumescente até á altura do umbigo) não tinha faldra nem escarcella; começavam logo da cintura os coxotes que só paravam na joelheira e que passaram a ser articulados em laminas muito repetidas e estreitas.

As armaduras d'este caracter, que os Allemães chamaram *kräbse* (ou «lagostas»), apresentam effectivamente uma certa similhança com esse crustaceo, e devem considerar-se pertencentes a um periodo mediando entre 1570 e 1600; as mais exaggeradas são as francezas.

E' raro terem grevas os arnezes d'este genero, começando desde então aquellas a ser substituidas por grandes botas de pelle de bufalo.

Apezar d'estes symptomas visiveis de decadencia, existe uma fórma de arnez que muito se usou n'esses tempos, e cuja fórma é quasi sempre elegante e sobria, salvo por vezes o exaggero e a impropriedade da ornamentação: é o *cossolete, corselete,* ou meia-armadura, couraça completa de peito e costas, de faldra e escarcella ligadas n'uma peça unica e ás vezes com braçaes completos (o meio-corpo de armas); parece ter sido muito usado por Portuguezes, pois se incontra figurado em gravuras de retratos antigos.

Algumas couraças existem tambem em cuja aba inferior, recortada e ornamentada, não se vêem buracos para correias nem vestigios de fivelas; usavam-se como peça unica defensiva e eram um distinctivo de official, como o ficou sendo o gorjal (ainda hoje representado pela meia-lua que usam os officiaes de infanteria).

A armadura do seculo XVII tem a couraça de uma espessura desconforme (para resistir ás balas); é muito curta do busto e sem cintura; tem espaldeiras enormes e muito arredondadas, que avançam sobre o peito para melhor fecharem o arnez; o elmo muito redondo e de viseira achatada é inteiramente destituido de elegancia; as articulações das laminas multiplicam-se nos braçaes e coxotes (inteiriços,— o que nunca mais deixa de se usar) e recobrem-se de botões de metal amarello, por vezes grossos como ervilhas; de grevas... nem vestigios (era a grossa bota, talhada n'uma perna de boi); os guantes teem, como na primitiva, os dedos divididos e miudamente articulados, para facilitar o manejo da pistola.

No meiado do seculo XVII cái em desuso o elmo, e é adoptada geralmente a *borgonheza* (ou *borguinhona),* celada á moda de Borgonha, cuja fórma é a da antiga celada com uma pala addicional para a testa.

O timbre ou copa é oval, incimado por uma crista que o acompanha em todo o diametro; tem dos lados duas peças (como as jugulares romanas) que defendem as orelhas e as faces; algumas vezes, ha um varão de ferro suspenso verticalmente n'um aro circular do mesmo metal e que se levanta ou abaixa para defesa da cara; outras vezes, nota-se um estreito barbote e uma grade fixa de varões verticaes para defesa do rosto.

O arnez completo d'este theor é absolutamente grutesco e dá ao cavalleiro o ar de um corcunda; é o seu ultimo ar-

ranco. Constituíra o typo de armamento da nossa cavallaria durante a guerra de defesa do reino, posterior á Restauração de 1640, e fôra introduzido pelo Marechal de Schomberg.

No fim do seculo XVII a couraça deixa de ter marcada a aresta média do peito; redonda, longa, e de um pezo incomportavel, dava ao individuo que a usasse o aspecto de um pinto que conseguisse romper prematuramente a casca do ovo em que fôra gerado.

A infanteria, desde o meiado do seculo XVII, usa o meio-corpo de armas, apenas com meios-braçaes, supprimindo depois o do braço direito; no fim do seculo, vestia apenas a couraça; esta, porêm, é abandonada pela cavallaria que lhe substitue o gibão de atanado, o qual se aperta com um largo cinturão de enorme fivela, pondo-se a tiracollo um boldrié identico, e conservando-se o gorjal que passa a ser mais comprido; quasi todos os gorjaes, que se vêem hoje nas collecções, alguns dos quaes são riquissimos de decoração, pertencem a esta epocha.

Opéra-se mudança geral nos capacetes em meiado do seculo XVI; e parte da officialidade e dos cavalleiros que se armam para combater a pé, adoptam uma especie de celada de transição, que se approxima da *borguinhona*.

Os infantes usam duas especies de capacete. Uma d'ellas é o morrião, de timbre oval muito elevado, incimado por uma crista vertical, com mais de uma pollegada de elevação no topo e seguindo todo o diametro, rodeado na base por duas virolas ou abas, que se incurvam sobre as orelhas como duas talhadas de melão, e se erguem na frente e na nuca, incontrando-se em bico recurvado para cima; é usada esta especie pelos alabardeiros, arcabuzeiros e mosqueteiros. A outra variedade d'este capacete é o chamado *cabasset pear-helm* dos Inglezes, ou *cabacete* dos Hespanhoes (*).

O *cabacete* tem o timbre oval ou antes ogival com uma aresta viva muito pronunciada desde a cara até á nuca, terminando em bico no topo; não tem crista ou cimeira; na base

(* Fazemos notar ao leitor a approximação que existe entre as palavras portuguezas—*cabaça*, *cabaço*,—e a fórma d'este *capacete* que é «cabaçuda»; no norte da Europa attribuem a sua invenção aos Italianos ou aos Hespanhoes (o que quasi sempre quer dizer: Peninsular); entretanto os Italianos confundem-n'o com o morrião.

Accrescentaremos que com a apparição d'esta arma coincide em Portugal a generalização do vocabulo *capacete*, applicado ás defesas da cabeça.

remata em aba ou virola horizontal, estreita; é destituido de elegancia; foi usado pelos piqueiros ou chuceiros.

Crearam-se tambem typos mixtos, taes como o *cabacete-morrião*, a *celada morrião*, que é um morrião com pretenções classicas de guarda-nuca e jugulares, e que muitos teem até hoje erradamente confundido com a *borgonheza*.

Os chefes usaram muito do capacete *á romana*, que já mencionámos n'outro logar,— anachronismo pretencioso, destoando absolutamente do typo dos trajos e armas da epocha! —notavel comtudo pela riqueza e excellencia artistica dos lavores que com frequencia o adornaram, formando decorações (facto aliás commum a todas as armas da epocha) mais proprias para figurar n'um gomil, n'uma rica salva ou n'outra qualquer peça de baixella, do que n'um petrecho de guerra.

A collecção de Ambras em Vienna d'Austria e a *Armeria* de Madrid incerram talvez os mais valiosos exemplares d'esta arma, á qual está ligada por fórma indissoluvel o nome do celebre esculptor e armeiro italiano Lucio Peccinini.

Das armas de haste apenas tres eram de uso geral já nos meiados do seculo XVI: a *alabarda*, por vezes riquissima de rendilhados, ornamentos em relevo, etc., porêm, muito adulterada da sua fórma elegante (no seculo XVII descai mesmo n'essa armasinha de infeite que ainda hoje usam os archeiros das guardas reaes, verdadeira arma de «valetes de copas»); a *partasana*, privativa sempre das guardas de honra; o *chuço* ou pique em ponta de lança com uma cruzeta de ferro (esse durou mais tempo; ainda no fim do seculo XVIII servia de arma a algumas companhias de infanteria). Da partasana descende uma arma, o *espontão* ou chuço de sargento, que se usou muito no seculo passado,— arma grutesca com certo ar chinez e que traduz perfeitamente o gosto da epocha do rabicho, fertilissimo aliás nas caixas de rapé e talvez por isso mesmo impotente em armaria!

Deparamos ainda no seculo XVII com a formula derradeira do chapéu-de-ferro; é o feltro de aba larga tão conhecido pelos quadros e gravuras da epocha, mas de ferro; pouco tempo durou essa arma incommoda.

Uma outra arma cujo uso se prolongou até tarde foi o *eisenkapt* (o *pot-en-tête* dos Francezes) que entre nós se chamou *panella de ferro* ou *panellão*, e do qual achamos menção na descripção do primeiro cêrco de Diu; usava-se, para nas investidas das muralhas (durante assédios) defender a cabeça contra os projecteis e materias inflammaveis, e punha-se em cima do capacete.

As armas de torneio, com todos os seus exaggeros, acabam verdadeiramente no meiado do seculo XVI,—e tudo o que d'esse genero se incontra em collecções não deve considerar-se posterior a 1550 ou 1560.

As differentes variantes do escudo, salvo a rodela, já pouco se usavam, a não ser nos assédios; essas riquissimas adargas e broqueis de fórmas neo-classicas e de profusa ornamentação eram armas de luxo e quasi sempre centros de panoplia,—servindo quando muito (juntamente com as outras peças de caracter idoneo) nos *triumphos* ou cortejos triumphaes, renovados por imitação da Antiguidade classica, e dos quaes a nossa Historia nos offerece um exemplo durante a permanencia de D. João de Castro em Goa.

Seguimos com o leitor a armadura em todas as suas phases e até á sua extincção no seculo XVIII, no decorrer do qual só duas peças defensivas restavam, durando até aos nossos dias: o capacete e a couraça.

O primeiro apresenta no seculo XVIII dois typos differentes, bem conhecidos e vulgarizados pelas gravuras de batalhas: —o capacete redondo, orlado de pelle de tigre e com cimeira infeitada de pennachos e crina pendente do guarda-nuca, foi o capacete adoptado pelos dragões, couraceiros, e cavallaria pezada em geral, e ainda hoje se usa com modificações; o outro é o capacete de sola, oval, de cimeira de crinas, de pennas ou de lan cardada, que o acompanha recurvando-se da pala até á nuca (usavam-n'o os regimentos de cavallaria em Allemanha e Inglaterra, e ainda no primeiro quartel d'este seculo, adoptando-o depois a Baviera como typo de barretina nacional).

A couraça passou a ser arma exclusiva dos couraceiros a cavallo, que ainda hoje a usam em alguns paizes, pouco ou quasi nada modificada em relação á do seculo XVIII.

Abandonemos pois aqui definitivamente a armadura; voltemos dois seculos atraz; e occupemo-nos da *espada* que é

a arma mais verdadeiramente digna de attenção nos periodos posteriores á evolução do Renascimento.

Quando cahiram em desuso as justas e os torneios, começaram a tomar incremento os duellos e com estes o aperfeiçoamento do jogo das armas de punho. Nasce então a esgrima (*).

Este facto explica a importancia que assumem a espada e o punhal durante o periodo do Renascimento,— até que as repetidas prohibições, e medidas energicas de repressão, a que deu logar em quasi toda a Europa a mania dos desafios e combates nocturnos nas ruas das cidades, convertem a espada em arma privativa de militares, e condemnam o punhal como arma illicita, resultando no seculo XVIII a decadencia absoluta d'estas armas.

A espada do Renascimento tem uma feição caracteristica que a distingue da dos periodos anteriores; ao punho até então em cruz, accrescenta-se um varão semi-circular para defesa da face dorsal da mão. Pouco a pouco se lhe vão accrescentando mais peças: ao varão recto horizontal (os *quartões*) que fórma como que os braços da cruz, sobrepõe-se outro varão cujas extremidades recuam para o punho, e dois argolões que por baixo dos quartões vão prender ao espigão da folha. Este é o typo dominante da espada durante quasi todas as tres partes do seculo XVI.

Depois, vai-se multiplicando gradualmente o numero dos varões que formam o guarda-mão; e vemos este recurvar-se em espiral, em direcções várias,— disposição esta que os artistas aproveitam para a sobrecarregar com lavores em relevo, em gravura, embutidos e esmaltes por vezes riquissimos; muitas das espadas que nos restam dos fins do seculo XVI são verdadeiras maravilhas artisticas.

Os mais notaveis centros de fabricação de espadas foram, e continuaram a ser por longo tempo, Toledo e Sevilha (na Hespanha), Solingen (na Allemanha central); em Portugal existem muitas espadas com este ultimo nome gravado na folha.

Até ao meiado do seculo XVII as guardas da impunhadura das espadas são ainda mais complexas: as guardas e contraguardas descrevem por baixo dos quartões e na direcção da folha curvas quasi tão complicadas como as da parte superior ou guarda-mão.

(*) Do allemão *schirmen*, e não do italiano *schermi* como querem alguns; entretanto, segundo auctoridades modernas, a *esgrima* parece ter tido a sua origem em Hespanha durante o governo de Carlos V.

Os typos principaes da espada quinhentista, alguns dos quaes atravessaram ainda uma parte da centuria immediata, são os que passamos a apontar.

A *espada* propriamente dita, tem a folha recta, liza, e com a largura da moderna espada-sabre; é sempre de dois gumes e aguda na extremidade; o nome *espadão* (do italiano *spadone*) é vocabulo que a principio designou a espada de mãos ambas e que se ficou applicando a toda e qualquer espada longa e de folha larga.

O *rapier* (espada alleman) que foi sempre arma de duello — variante do estoque, ou espada para ferir de ponta, — era tão longo e tão pezado quasi como o espadão, tendo na base da impunhadura uma chapa dupla, em fórma de concha, e geralmente crivada de orificios; (é erro vulgar confundirem-n'o com o espadão).

O *estoque* descende do «estoque de duas mãos» dos cavalleiros do periodo ogival; reduzidas as suas dimensões, torna-se arma de duello e arma traiçoeira,—sendo por isso a mais perseguida e sujeita a prohibições.

O *chifarote (bracquemart)*, espada larga e curta, aguçando para a ponta, e que parece ter sido uma imitação do *para gonium* romano, já foi usado pelos peões no seculo xv, e continuado no xvi, sujeitando-se-lhe a impunhadura ao systema das guardas fechadas da epocha.

O *malchus* constitue variante do chifarote (de origem italiana), que é hoje difficil distinguir d'aquelle; — tem comtudo quasi sempre um guarda-mão simples que liga com os quartões, a parte anterior dos quaes recúa para baixo como a do sabre de policia.

O *sabre* (do allemão *sæbel)* apparece durante alguns annos no meiado do seculo xvi, e, segundo todas as probabilidades, por imitação das espadas dos Hungaros ou dos Turcos; participa do sabre moderno e do alfange ou cimitarra oriental; o punho curva-se em sentido opposto á lamina,— e o guarda-mão é interrompido, não se ligando ao pomo da impunhadura, que representa quasi sempre uma cabeça de animal phantastico.

A *esclavonia* (do italiano *schiavona)*, cuja folha tem o comprimento e a fórma do moderno sabre (e, como elle, um gume apenas), e cujo guarda-mão tem as guardas e contra-guardas reunidas n'uma só peça rendilhada e recortada em linhas geometricas, foi por muito tempo confundida (e ainda hoje a confundem alguns) com o *claymore* escocez; adoptaram-n'a effectivamente primeiro alguns regimentos de cavallaria es-

coceza nos fins do seculo XVII, e usou-a muito a cavallaria desde principios até meiado do seculo XVIII.

A *tarasca* (em francez, *flamberge)* era uma espada possante, de guardas e contra-guardas complicadissimas, de longa impunhadura, e cuja folha se apresentava ondeada ou em espiral morrendo em ponta aguda e de dois gumes; parece ter sido muito usada na defesa de muralhas durante os assaltos (*).

O *verdugo* (corruptela de *Iverdun,* logar onde se fabricava) era uma espada esguia, de folha triangular ou faceada, quasi em fórma de espeto e em extremo comprida; constituiu arma de duello nos seculos XVII e XVIII; variante do *estoque,* foi (como elle) muito perseguida. Incontram-se em Portugal exemplares, e parece ter sido entre nós usada em duellos.

A *espada preta (colichemarde,— corruptéla de kœnigsmark),* espada favorita de duello no seculo XVII e ainda em parte do seculo XVIII, é muito comprida e larga de folha até ao meio d'esta, estreitando subitamente e rematando em ponta de estoque; tal disposição que equilibrava o pezo, pondo o centro de gravidade na impunhadura, tornava-a de um manejo muito commodo e ligeiro.

Do meiado do seculo XVII em deante a impunhadura simplifica-se, o comprimento dos quartões exaggera-se, e ha por baixo uma especie de tigela de ferro; a impunhadura é bastante curta, e o guarda-mão é singelo. Em Portugal abundam as armas d'este teor; e o seu uso prolongou-se até quasi aos fins do seculo XVIII.

Do meiado do seculo XVIII em deante, a espada entra em rapida decadencia; é quasi substituida pelo sabre, de fórma desingraçadissima, e cujo aspecto (recordando o que ainda ha poucos annos viamos pender do cinturão do nosso cabo-de-policia) foi tão expressivamente caracterizado pelo neologismo popular: *chanfalho!* E d'ahi... que podiam os homens de rabicho inventar em armas, a não ser o *chanfalho?*

(*) Existem bons exemplares no nosso Arsenal do Exercito. Já se usava antes do Renascimento, mas com o punho em cruz. E' de origem alleman; descende da enorme espada de duas mãos dos Suissos; a espada de Vasco da Gama, que existe (ou existia) na Vidigueira, é d'esta especie.

Outro typo incontramos ainda no seculo xviii: o *espadim* ou *faim*,— espada de côrte, descendente do florete de jogo, verdadeiro infeite, cuja folha foi frequentemente substituida por uma barba de baleia !

Nos nossos dias o sabre supplantou a espada, assumindo fórma mais severa e marcial; cahiu, como todas as armas contemporaneas, em typo fixo e desprovido de interesse artistico.

O punhal e a adaga, acompanham quasi em parallelo as evoluções da espada, copiando-lhe as fórmas; durante o Renascimento até aos fins do seculo xvii é a arma da mão esquerda nos duellos e serve para aparar certos golpes da espada.

O punhal foi uma das armas mais artisticas e das que mais pretextos offereceram para a ornamentação, que, alêm dos copos e guardas, recamava por vezes tambem a baínha.

Existem exemplares d'esta arma em todas as collecções celebres.

Do seculo xvii em deante cai em desuso, e fica existindo apenas como arma clandestina,— a não ser que se classifiquem como punhaes essas armas de adorno que ainda hoje se vêem pender dos telins dos collegiaes das escolas militares e dos aspirantes a guardas-marinhas (*).

Mencionaremos ainda a *bayoneta*, que principiou por ser (o que é hoje outra vez) uma faca applicada á extremidade do cano da arma-de-fogo, e que geralmente adoptada nos meiados do seculo xviii cahiu gradualmente no typo fixo que todos conhecemos.

Antes de terminar esta breve resenha (na qual tivemos em vista ministrar ao leitor as noções mais geraes das evoluções por que passou a arte do armeiro e do alfageme, compativeis

(*) Ha punhaes complicadissimos e de serventia dupla, de molas de segredo, com pistolas, etc.

Os punhaes ou facas dos «lansquenetes» (ou *landsknechts* allemães) tinham na baínha duas ou mais facas pequeninas — os bastardos—que serviam, entre outros usos, para cortar as correias das armaduras dos cavalleiros derrubados.

com a dimensão adoptada para os livrinhos da *Bibliotheca do Povo e das Escolas)* não nos podemos dispensar de dizer alguma coisa ácêrca das armas-de-fogo, tão estreitamente ligadas ao assumpto que tratamos.

E' o que vamos fazer no capitulo seguinte que ficará sendo como que o complemento d'este resumo.

AS ARMAS-DE-FOGO (*)

O typo primitivo das *armas-de-fogo* é a *columbrina* de mão, copia em escala reduzida do *trom* ou *canhão* no periodo de infancia e (como é facil suppôr) perfeitamente rudimentar: meia duzia de robustas laminas de ferro cintadas de anneis do mesmo metal, e mais tarde um canudo, que se carregava de polvora e ao qual pelo orificio ou ouvido se dava fogo com um morrão, accrescendo uma forquilha portatil que servia de descanço á arma.

Este petrecho de guerra, mais terrivel quasi sempre para o atirador do que para o seu contrario, era sujeito a rebentar,— e apparece já desde o seculo XIV, passando depois por successivos aperfeiçoamentos até ao principio do seculo XVI, epocha em que o seu emprego se generalizou.

Começa, porêm, a apresentar interesse artistico no segundo quartel d'este seculo, no qual incontramos já o *arcabuz,* munido de uma coronha (tosca e pezada ainda e de manejo incommodo, mas já com fecharia e gatilho para disparar o tiro); sua conflagração é ainda produzida pela applicação de morrão, operando-se a percussão para o lado da coronha, e ameaçando assim (pelo menos) chamuscar o bigode do arcabuzeiro; a pontaria é feita descançando a arma sobre uma forquilha de ferro.

Como systema de fabrico, estacionou algum tempo; mas a arte apoderou-se d'ella e sujeitou-a a fórmas e ornamentações variadas, occupando em breve um logar distincto entre as armas de luxo.

(*) A'cêrca da artilheria, manejo das diversas armas, e organização das batalhas, etc., incontrará o leitor na collecção dos volumes publicados pela *Bibliotheca do Povo e das Escolas* um minucioso tratadinho, intitulado *Tactica e armas de guerra*, pelo qual poderá completar as noções adquiridas no presente opusculo, e que nos dispensa de repetir o que aliás se acha alli conscienciosamente exposto.

Em 1560 já existia o *mosquete*, modificação do arcabuz, mais approximada da moderna espingarda, cuja origem é ainda duvidosa (attribuindo-a alguns auctores aos Hespanhoes e outros aos Allemães). O *mosquete* distingue-se do arcabuz pelo adarme mais avantajado (isto é, por ser arma de maior calibre); comtudo, pelo aperfeiçoamento da fórma, era mais equilibrado e mais leve do que o arcabuz. e dispensava a forquilha de descanso.

A invenção do arcabuz creou um novo utensilio, o *polvorinho*, assaz interessante como objecto de arte, e que desde o meiado do seculo XVI até ao do XVII (em que foi substituido pela bandoleira de cartuxos pendentes, já preparados e resguardados em tubos de metal) é por vezes adornado com esculpturas, tauchiado e inriquecido com imbutidos nada inferiores em profusão e gosto artistico aos que se empregaram nas coronhas dos arcabuzes e mosquetes.

O mosquete do seculo XVII é já quasi sempre de *rodete* ou de roda (isto é: com fechos que funccionavam por meio de um tambor denticulado, posto em contacto com uma mola elastica, a que o gatilho communicava acção, fazendo cahir o *cão*, o qual tinha intalada uma lasca de pyrite de ferro que incendiava por meio da faisca a polvora do ouvido).

Este novo invento fez desapparecer, alêm da forquilha (que ás vezes era muito adornada e com a serventia dupla de lança e até de espada) — um outro objecto,— o *porta-morrão*, peça de ferro terminando em gancho e ás vezes muito artisticamente elaborada, a qual servia de suspensor ao morrão que o arcabuzeiro trazia pendente do cinturão.

No ultimo quartel do seculo XVII, os fechos funccionam já no sentido hoje adoptado (isto é: operando-se a percussão para o lado do cano); e em 1670 já era conhecido o mosquete ou espingarda de fuzil e pederneira,— que d'essa epocha em deante perde gradualmente o interesse, pela falta de elegancia.

A *espingarda* (*) no seculo XVIII, comquanto mais perfeita no tiro, soffre o destino commum ás armas d'esse periodo: — é feia; tem coronha romba e massuda; cai em typo fixo, passando desde o principio do seculo XVIII a offerecer unicamente valor scientifico (**).

(*) A palavra *espingarda* parece ser antiga em Portugal; incontra-se já mencionada nos principios do seculo XVI. Virá do allemão *springen* («estalar»)?

(**) A *espingarda de fulminante* (typo que domina no seculo presente) é invenção do escocez Forseth (em 1807).

A *pistola* foi, entre todas as armas-de-fogo do seculo XVI, talvez a mais artistica,—e é, sem duvida, aquella de que nos restam exemplares mais artisticos tambem.

Esta arma,—cujo nome, na nossa opinião, deriva com mais probabilidade do italiano *pistollo* («pomo ou remate de coronha») que de *pistoja* (como querem alguns)—parece ter sido primeiro fabricada em Perugia nos fins do seculo XIV, com fórma tão rudimentar como a das primeiras columbrinas portateis, e não excedendo a sua dimensão maxima um palmo.

Passou a pistola, pouco mais ou menos, por evoluções e melhoramentos identicos aos da espingarda; comtudo o seu typo especial parece ter-se fixado mais cedo, visto que era já uma arma quasi sempre elegantissima ahi por 1560, fazendo então (como hoje) parte do armamento da cavallaria.

Até ao meiado do seculo XVII o *ginete* usava uma só d'essas armas: o *pistolão* (o *petrinal* ou *pedreñal* dos Hespanhoes, que muito concorreram para o seu aperfeiçoamento). O pistolão pendia inganchado de uma argola no cinturão do militar. As pistolas d'esse periodo destacam se nas collecções pela varie dade e rara elegancia de contorno, e pela delicadeza artistica da ornamentação; até ao seculo XVII a coronha era quasi sempre de metal lavrado. As pistolas cuja coronha bastante longa e rematando em bola fórma angulo recto com o cano da arma, devem classificar-se entre as armas do seculo XVII; são as mais ingratas de feitio. Por essa epocha começa a usar-se o par de pistolas, e ás sellas addicionam-se os coldres.

Deu-se com esta arma uma singularidade, devida talvez a ser de dimensão menor do que as outras armas explosivas: é a tendencia que apresenta (durante perto de um seculo) para ser aproveitada como arma de dupla serventia. Os museus e collecções incerram abundantes exemplares d'esta arma, os quaes são simultaneamente pistola e espada, pistola-acha d'armas, pistola-punhal, etc., funccionando muitas d'ellas com molas de segredo (porque as armas de segredo foram uma das manias do periodo baixo do Renascimento).

O peior periodo da pistola é o que vai de 1780 a 1820, em que os espingardeiros inglezes crearam esses perfeitos specimens — que, como armas de duello, se incontravam ainda, ha meia duzia de annos, nos gabinetes de grande parte dos individuos das classes elevadas.

Devemos ainda (e mais para completar a lista das armas-de-fogo do que para accrescentar o numero das armas de arte) mencionar alguns inventos, taes como o *bacamarte* e *tromblon* — variante do arcabuz — especie de canhão portatil de coro-

nha — descendente do arcabuz primitivo; esta arma brutal, que se carrega de metralha, tem o cano de grandissimo adarme, alargando para a bôcca. Era uma arma de marinha principalmente; foi tambem muito usada por bandidos e bandos de guerrilhas.

A *escopeta* é uma espingarda leve (arma de caça).

A *carabina* é uma espingarda curta.

O *esmerilão* é uma enorme espingarda de cano muito longo (arma de caça).

Ha ainda as *armas de vento* (armas surdas e que, por muito desleaes, foram sempre pouco usadas).

Citaremos por especialidade, no grupo das *armas de vento,* uma arma singular, quasi ingenua, a *sarbatana* (tubo lizo de comprimento variavel e com uma imboccadura), que servia para expellir balas, materias inflammaveis, etc., por meio do sopro. Usou-se por algum tempo nos assédios; depois ficou sendo apenas arma de caça, exclusiva da altanaria (para passarinhos e caça miuda).

Foram as armas-de-fogo e o invento da polvora os agentes destruidores a que se deve a decadencia e a extincção completa da armadura e das armas-brancas em geral,— facto sobejamente provado pela quantidade de armas esburacadas e varadas pelas balas e pelouros, que existem nos museus de armaria.

Como as armas da epocha em que vivemos (sujeitas na sua quasi totalidade a typos fixos e a um ideal, por assim dizer, de perfeição unicamente scientifica e industrial) pouco ou nenhum interesse offerecem pelo lado da arte,— não nos extranhará o leitor que d'ellas se não occupe no presente volume a *Bibliotheca do Povo e das Escolas.*

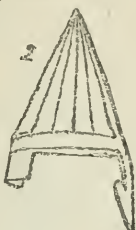
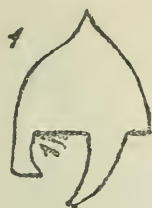
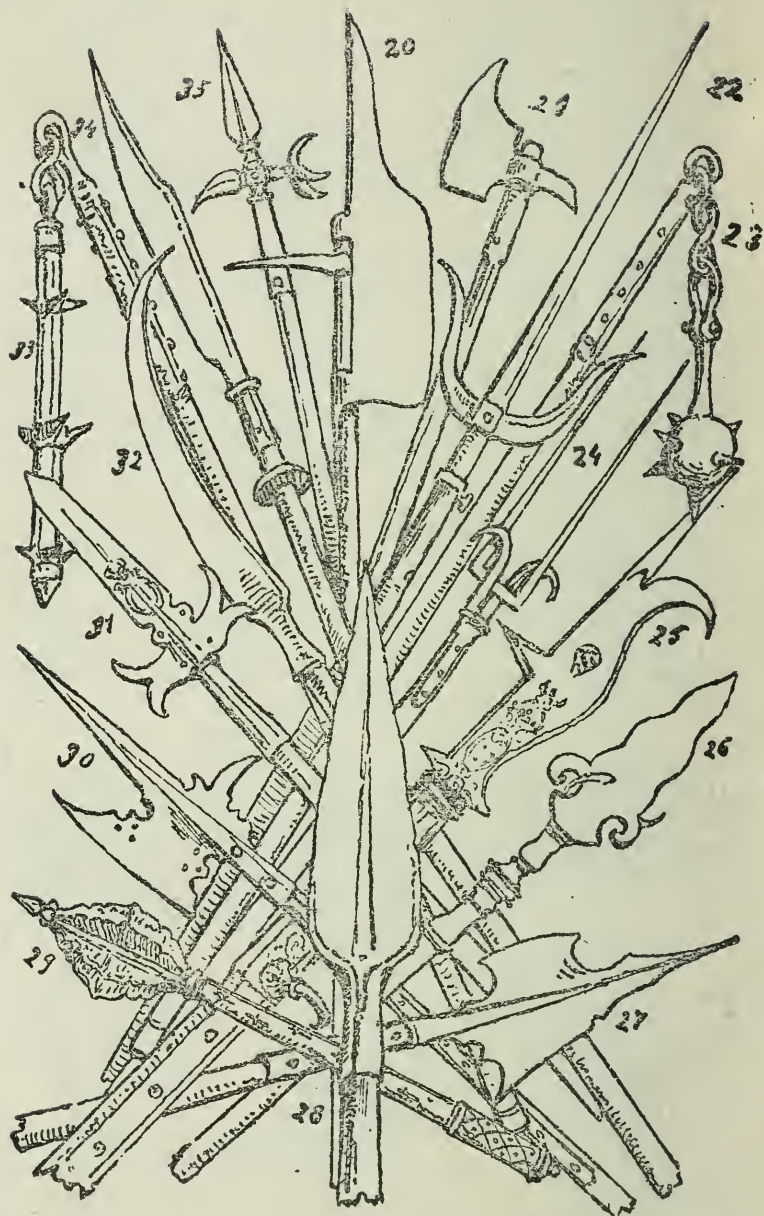
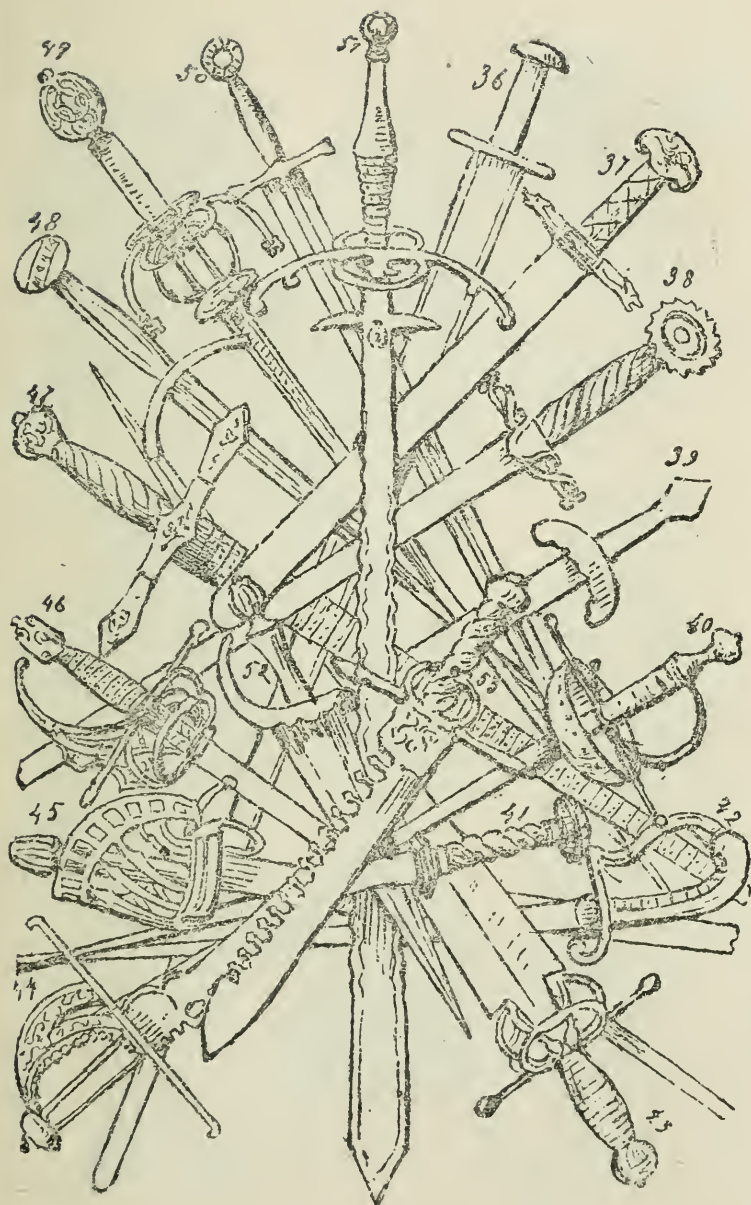
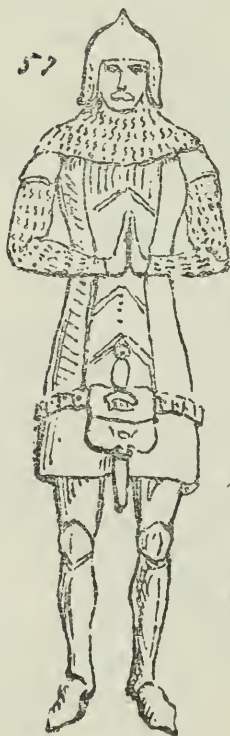
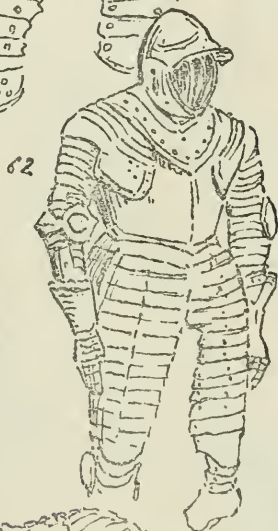
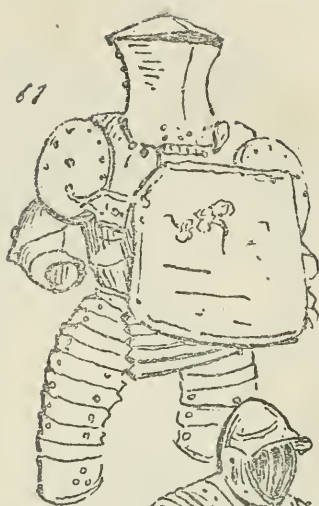
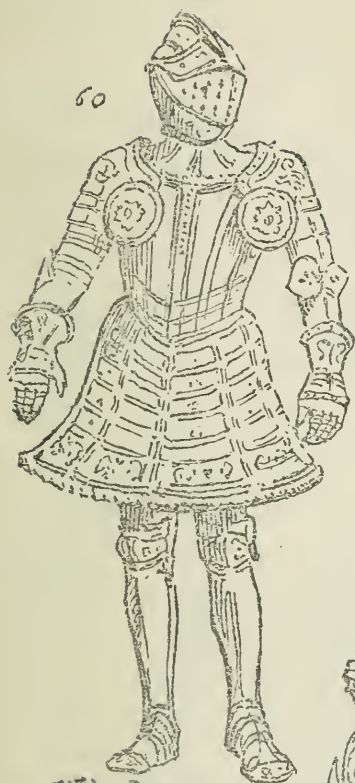
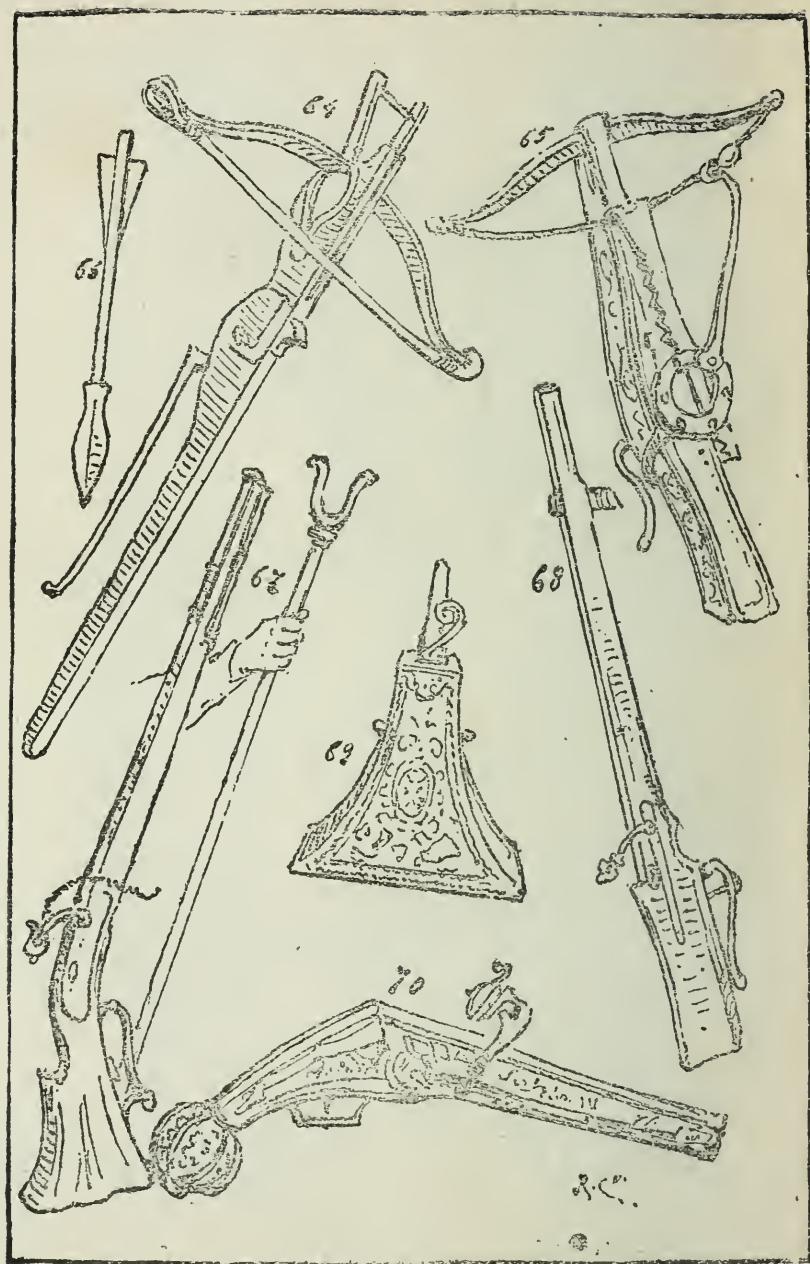
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19

20
35
21
22
34
23
33
32
24
31
25
30
26
29
27
28

36
37
38
39
46
45
41

56
55
57
58
59

60
61
62
63

64
65
67
68
69
70
R.C.

CONCLUSÃO

Para que o leitor mais proveito possa colhêr das noções expendidas nos precedentes capitulos, intendemos dever concluir o presente livrinho com a demonstração graphica das principaes peças de armaria n'elle citadas. Septenta figuras para esse fim destinámos, cuja explicação é a seguinte.

Fig. 1 e 2 — Capacetes de nasal (seculos xi e xii). Veja-se a referencia na pagina 12.

Fig. 3 — Cervilheira de camal
Fig. 4 — Bacinete de camal } (sec. xii e xiii). Pag. 15.

Fig. 5 — Elmo fechado
Fig. 6 — Elmo de postigo
Fig. 7 — Elmo de cimeira } (sec. xiii). Pag. 16.

Fig. 8 — Elmo de justa e torneio (sec. xiii a xiv). Pag. 16.
Fig. 9 — Grande elmo de torneio (sec. xv a xvi). Pag. 34.
Fig. 10 — Barbuda ou bacinete de viseira (sec. xiv a xv). Pag. 20.
Fig. 11 — Celada de baveira (sec. xv). Pag. 31.

Fig. 12 — Chapéu d'armas ou chapéu de ferro
Fig. 13 — Chapéu d'armas ou chapéu de ferro } Pag. 30.

Fig. 14 — Morrião-celada (sec. xvi). Pag. 45.
Fig. 15 — Borgonheza (sec. xvii). Pag. 43.
Fig. 16 — Cabacete (sec. xvi). Pag. 44.
Fig. 17 — Morrião (entre sec. xvi e xvii). Pag. 45.
Fig. 18 — Capacete ou morrião á antiga (sec. xvi). Pag. 45.
Fig. 19 — Elmo ou elmete cerrado (sec. xvii). Pag. 43.
Fig. 20 — *Vouldje* (venabulo ou cutélo de assedio). Pag. 24.
Fig. 21 — Acha d'armas. Pag. 22.
Fig. 22 — Corsisca (roncão?). Pag. 24.
Fig. 23 — Chicote d'armas. Pag. 22.
Fig. 24 — Bisagudo ou forcado de guerra. Pag. 24.
Fig. 25 — Bisarma. Pag. 24.
Fig. 26 — Espontão (sec. xviii). Pag. 45.
Fig. 27 — Alabarda. Pag. 23.
Fig. 28 — Lanção (lança). Pag. 24.
Fig. 29 — Maça d'armas ou clava. Pag. 22.
Fig. 30 — Alabarda. Pag. 23.
Fig. 31 — Partasana. Pag. 24.
Fig. 32 — Foice de guerra ou de assedio. Pag. 24.
Fig. 33 — Mangoal. Pag. 17.
Fig. 34 — Foicinho. Pag. 24.

APPENDICE

Por ultimo, e como remate d'este modesto trabalho, afigura se-nos util accrescentar aqui, em fórma de appendice, alguns conselhos e receitas para a conservação das armas antigas, escolhendo para esse fim o que a práctica experimental nos offerece de mais efficaz.

A ferrugem ataca-se pelas fricções com o esmeril em pó ou com o papel de esmeril, empregando ao mesmo tempo um banho composto de petroleo (ou benzina) e de espirito-de-vinho.

Depois do conseguido o gráu maximo de limpeza compativel com o estado da arma a que se applicou o processo, cobre-se a superficie d'esta com uma camada pouca espessa de verniz copal incolor, adelgaçado em espirito-de-vinho; este meio evita limpezas repetidas, impedindo a formação da ferrugem, e não prejudica nem incobre qualquer lavor artistico que exista na peça que se pretende conservar.

As peças tauchiadas, polidas, e cinzeladas, não soffrem a fricção do esmeril; e por isso devem ser apenas immersas em banho de benzina por um prazo médio de 20 dias,— esfregando-se depois com trapo grosso de lan. E' conveniente seccál-as ao lume,— e untal-as depois, de tempos a tempos, com um pouco de azeite, ou qualquer outro oleo (mas o bom azeite é preferivel).

As peças restauradas, ou feitas de novo, levam-se á apparencia das antigas, regando-as com acido muriatico e agua para imitar as concavidades do ferro gasto. Depois, lavam-se cuidadosamente com agua fria,— applicando-se-lhes em seguida sebo-de-Hollanda ou oleo para impedir a oxydação do metal.

Para discriminar as imitações e falsificações, apontam-se diversos meios,— assim como para distinguir o ferro fundido do ferro batido; mas esses meios só teem verdadeira efficacia, quando empregados com verdadeiro criterio por peritos ou por homens do officio.

FIM